



SAMBA COMENTADO



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

Realização
INSTITUTO DO SAMBA & DOENTES DA SAPUCAÍ

Roteiro e Locução
ALEXANDRE ARAÚJO E EUGÊNIO LEAL

Edição e Direção de Arte
ANDRESSA LUA

Direção Geral
DINO SOARES e ROGÉRIO PORTOS



Os 12 sambas de 2026 (RJ) explicados com riqueza de detalhes toda história e curiosidades que está por trás das letras e melodias.

“QUANTO MAIS ENTENDEMOS, MAIS GOSTAMOS DE UMA OBRA DE ARTE”

O INSTITUTO DO SAMBA...	3
SAMBAS DE ENREDO...	4
ACADÊMICOS DE NITERÓI	5
IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE	8
PORTELA	11
MANGUEIRA	15
MOCIDADE INDEPENDENTE	20
BEIJA-FLOR	24
VIRADOURO	28
UNIDOS DA TIJUCA	32
PARAÍSO DO TUIUTI	36
VILA ISABEL	41
GRANDE RIO	45
SALGUEIRO	50
DOENTES DA SAPUCAÍ	53
REFERÊNCIAS	55

O INSTITUTO DO SAMBA...

O **Instituto do Samba** é uma organização criada para resgatar a cultura do samba e possui 3 pilares: histórico, cultural e social.

A missão do Instituto do Samba e dos Doentes da Sapucaí é fomentar o **RESGATE DA CULTURA DO SAMBA ENREDO** na mente e no coração do brasileiro.

O pilar cultural do Instituto do Samba são os **Doentes da Sapucaí**, responsáveis por diversas ações e eventos ligados ao universo do samba de enredo, desde a ida em massa dos 'doentes' para a Marquês da Sapucaí, RJ (desde 1978), às tradicionais rodas de Samba Enredo (desde os anos 80) e aos Festivais de Samba, que desde 2019 trazem ao público paulista diversos convidados ilustres do universo do samba, tanto das escolas de São Paulo como do Rio de Janeiro.



E para abrir o ano com chave de ouro, o bloco de carnaval Doentes da Sapucaí tem seu desfile nas ruas do bairro da Vila Mariana, em São Paulo. Desde 2018 os 'doentes' se apresentaram como uma verdadeira escola de samba, com mestre sala, porta bandeira, bateria, carro de som, alas, passistas, ala das crianças, etc.

Além do Samba Comentado, o Instituto do Samba e os Doentes da Sapucaí realizam outras ações voltadas à valorização histórica do samba de enredo, como por exemplo o projeto "Sambas de Enredo Memoráveis", no qual a história do Carnaval Carioca é representada por sambas de enredo memoráveis de escolas tradicionais, contada através de 3 álbuns: décadas de 60, 70 e 80, gravados e publicados no *Spotify* em parceria dos Doentes da Sapucaí com o inigualável Neguinho da Beija-Flor. As músicas foram escolhidas por ele e representam o retrato musical das 3 décadas de ouro do samba.

SAMBAS DE ENREDO...

É de fazer inveja para qualquer livro de história.



Muitas pessoas aprendem **história** ouvindo samba-enredo, que também traz à tona temas sociais e culturais relevantes. Ainda que o **compositor** da letra de samba-enredo não tenha esta intenção, ele encarna a figura de um **professor**, que consegue ensinar mais do que a sua comunidade, chegando a todos que são alcançados pela voz de sua letra.

Um dos objetivos do **Instituto do Samba** e dos **Doentes da Sapucaí** é ajudar a resgatar e fomentar a cultura do samba enredo.

Identificamos que a profundidade do conhecimento a respeito da história por trás da letra do samba está diretamente ligada ao quanto a pessoa gosta daquele samba. Resumindo... **quanto a gente mais entende de um assunto, mais a gente gosta.**

O SAMBA COMENTADO se propõe colocar luz nos sambas de enredo para que a gente possa entender melhor a mensagem que está por trás das letras e melodias.

Os doze sambas do Grupo Especial do Rio de Janeiro serão comentados com bastante dinamismo e repleto de curiosidades e fatos históricos interessantes.

Bom samba e divirta-se!

ACADÊMICOS DE NITERÓI

“Do alto do mulungu surge a esperança: Lula, o operário do Brasil”

(1ª escola do Domingo)

Estreante no Grupo Especial, a Acadêmicos de Niterói vai homenagear o presidente Luís Inácio Lula da Silva no carnaval 2026 com o enredo **“Do alto do mulungu surge a esperança: Lula, o operário do Brasil”**, do carnavalesco Tiago Martins com sinopse e pesquisa do enredista Igor Ricardo.

O enredo conta a história do político desde sua infância no interior de Pernambuco, passando pela trajetória política até chegar às mudanças proporcionadas por seus três mandatos no governo.

Não houve disputa de samba. A obra foi encomendada a uma seleção de grandes compositores do carnaval carioca: Teresa Cristina, André Diniz, Paulo Cesar Feital, Fred Camacho, Junior Fionda, Arlindinho, Lequinho, Thiago Oliveira e Tem-Tem Jr.

Para comandar o time de canto a agremiação contratou Emerson Dias, ex-Salgueiro e Grande Rio. Ele divide a gravação do samba com Teresa Cristina.



Os compositores escolheram usar a figura da mãe de Lula, Dona Lindú, como narradora da trajetória do filho a partir de um outro plano.

Falecida em 1980, ela não acompanhou em vida a parte mais importante da carreira do filho, mas o observa, relata e aconselha. Além de vibrar com o filho de onde estiver.

Logo na abertura a mãe relaciona as dificuldades que a família passava na cidade onde viviam, Garanhuns no agreste pernambucano, especialmente em função da distribuição de renda desigual. E poeticamente relaciona o brilho das lágrimas do menino a uma estrela, símbolo do Partido dos Trabalhadores, por ele fundado.

Lula tinha sete irmãos e a mãe os cuidava sozinha, como tantas neste país.

Com fome e muitos problemas, ela se sentia devastada pela situação.

**EU VI BRILHAR A ESTRELA DE UM PAÍS
NO CHORO DE LUIZ, À LUZ DE GARANHUNS
LUGAR ONDE A POBREZA E O PRANTO
SE DIVIDEM PARA TANTOS
E A RIQUEZA MULTIPLICA PARA ALGUNS
ME VIA NOS OLHARES DOS MEUS FILHOS
ASSOMBRADOS E VAZIOS COM O PEITO EM PEDAÇOS**



Dona Lindú decide então se unir à corrente migratória de nordestinos em direção ao Sudeste.

Ela conduz então seus filhos a São Paulo, em busca de novas vida e oportunidades.

No trecho seguinte do samba os autores fazem uma citação ao hino nacional, mesclando os versos “E o sol da liberdade em raios fúlgidos / Brilhou no céu da pátria neste instante” – que vira

“Brilhou um sol da pátria incessante” dando um tom épico a este momento, comparando-o à independência do país, descrita no hino.

**PARTI ATRÁS DO AMOR E DOS MEUS SONHOS
PEGUEI OS MEUS MENINOS PELOS BRAÇOS
BRILHOU UM SOL DA PÁTRIA INCESSANTE
PRO DESTINO RETIRANTE TE LEVEI LUIZ INÁCIO**



Dona Lindú passa então a descrever a trajetória que percorreu com os filhos em busca de uma vida melhor.

A travessia durou treze dias, ironicamente o número do partido que Lula criaria mais tarde, e foi acompanhada por imagens de Santa Luzia e São José que ficavam na casa deles em Garanhuns.

**POR IRONIA, TREZE NOITES, TREZE DIAS
ME GUIOU SANTA LUZIA, SÃO JOSÉ ALUMIOU**



Reafirmando a fé católica da família o samba usa a figura de Deus para posicionar a filosofia esquerdista que guia a trajetória de Lula. Em sequência cita o início da vida política do homenageado, nos sindicatos do ABC Paulista e depois já salta para a imagem dele sendo reconhecida como uma liderança internacional.

**DA ESQUERDA DE DEUS PAI, DA LUTA SINDICAL
À LIDERANÇA MUNDIAL**



Ao mesmo tempo que a liderança de Lula aumentava junto aos trabalhadores, o país ainda vivia os chamados “anos de chumbo”. Este período forma o segundo momento do enredo.

Embora não sejam citadas na sinopse, que se fixa na história de Lula, os compositores escolheram homenagear neste trecho algumas das vítimas diretas ou indiretas da ditadura militar como Zuzu Angel, Henfil, Vladimir Herzog.

Na onda de sucesso do filme “Ainda estou aqui”, Rubens Paiva fecha esta estrofe.

**VI A ESPERANÇA CRESCER E O POVO SEGUIR SUA VOZ
REVOLUCIONÁRIO É SABER ESCOLHER OS SEUS HERÓIS
ZUZU ANGEL, HENFIL, VLADIMIR
QUE PAGARAM O PREÇO DA RAIVA
NÓS AINDA ESTAMOS AQUI NO BRASIL DE RUBENS PAIVA**



Dona Lindú, mãe de Lula, aproveita para lembrar conselhos que deu ao filho durante seu processo de educação. Conceitos que ele seguiu na sua carreira como aceitar as derrotas (e foram algumas, nas urnas e na justiça); não desistir dos ideais; não fugir de suas responsabilidades e preservar o Brasil da ganância estrangeira.

Estes versos servem, no duplo sentido, como estocadas nos rivais políticos do homenageado.

**LUTE PRA VENCER, ACEITE SE PERDER
SE O IDEAL VALER, NUNCA DESISTA
NÃO É DIGNO FUGIR, NEM TÃO POUCO PERMITIR
LEILOAREM ISSO AQUI A PRAZO, À VISTA**



Os versos seguintes falam de avanços sociais que fazem parte da proposta política dos governos de Lula, como a redistribuição de renda, redução da pobreza, facilitação do acesso a universidades e os programas sociais como o “Fome Zero”, a fim de tirar o país do mapa da fome.

Fechando a estrofe com a citação ao sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (irmão de Henfil) que trabalhou contra a fome no Brasil.

**É... TEM FILHO DE POBRE VIRANDO DOUTOR
COMIDA NA MESA DO TRABALHADOR
A FOME TEM PRESSA, BETINHO DIZIA**



Dona Lindú conclui que as lições que ensinou ao filho se refletem nas ações do atual presidente num trecho muito atual do samba, que faz referência à relação com o governo de Donald Trump, que recentemente impôs tarifas e sanções ao Brasil.

Os autores ainda fazem uma referência ao ex-presidente Jair Bolsonaro, chamado de “mito” por seus correligionários e manda um recado sobre a tentativa de anistia proposta por ele.

**É... TEU LEGADO É ESPELHO DAS MINHAS LIÇÕES
SEM TEMER TARIFAS E SANÇÕES
ASSIM QUE SE FIRMA A SOBERANIA
SEM MITOS FALSOS, SEM ANISTIA**



O “pré-refrão” retorna à questão da fome num questionamento de Dona Lindú, que também pergunta quanto vale a vida das pessoas. Para, em seguida, afirmar que os componentes da escola são populares ao dizer que o sobrenome é “Brasil da Silva”.

E concluir que tudo isso se transformou num grande enredo e arrematar citando a cidade e consequentemente a escola ao dizer que em Niterói, o amor venceu o medo - numa alusão óbvia ao Slogan de campanha de Lula.

**QUANTO CUSTA A FOME? QUANTO IMPORTA A VIDA?
NOSSO SOBRENOME É BRASIL DA SILVA
VALE UMA NAÇÃO, VALE UM GRANDE ENREDO
EM NITERÓI O AMOR VENCEU O MEDO**



O refrão final se baseia em duas músicas já conhecidas: “Vai passar”, de Chico Buarque - apoiador de Lula - e o canto das torcidas em estádios mundo afora que acompanhou a trajetória do homenageado em comícios: Olê, olê, Olá... Lula, Lula.

É Dona Lindú celebrando a história do filho.

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
VAI PASSAR NESSA AVENIDA MAIS UM SAMBA POPULAR
OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ, LULA! LULA!**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE

“Camaleônico”

(2ª escola do Domingo)

A Imperatriz Leopoldinense homenageia Ney Matogrosso com enredo do carnavalesco Leandro Vieira, intitulado “Camaleônico”.

A proposta é mostrar as diferentes faces e fases artísticas de um dos maiores nomes da música popular brasileira, ressaltando sua natureza disruptiva e ousada que buscou confrontar os padrões da sociedade.

A “Rainha de Ramos” também promoveu uma junção de dois sambas concorrentes e por isso a lista de compositores tem 12 nomes: Hélio Porto, Aldir Senna, Orlando Ambrósio, Miguel Dibo, Marcelo Vianna, Wilson Mineiro, Gabriel Coelho, Alexandre Moreira, Guilherme Macedo, Chicão, Antônio Crescente e Bernardo Nobre.



Mais uma vez o samba será cantado por Pitty de Menezes, em seu quarto ano na escola.

Antes de entrarmos na letra é importante pontuar que o regulamento do quesito samba-enredo reforçou a possibilidade de que os sambas sejam interpretativos.

Ou seja, não precisam seguir o roteiro pré-definido do desfile, mas sim apresentar a ideia básica do que a escola está mostrando.

Esse parece ter sido o caminho do samba da Imperatriz.

Ou os compositores se fixaram na sinopse artística.

Porque Leandro Vieira dividiu o texto do enredo em duas partes.

Na primeira ele costura a história de maneira poética, deixando para a segunda a explicação da narrativa e a cronologia dos setores.

Desta forma a letra não se propõe a narrar os passos da carreira de Ney Matogrosso, mas procura definir sua personalidade artística.

A abertura, de acordo com a sinopse, “introduz a corporificação de ideais de liberdade a partir da perspectiva híbrida adotada pelo homenageado na construção de seu personagem público”.

O enredo estabelece a procura do artista por uma imagem de ambiguidade desde o início de carreira.

Ney se apresentava de diversas formas: fantasias, rosto pintado, ou até nu, usando o próprio corpo para se mostrar multifacetado, Camaleônico.

**SOU MEIO HOMEM, MEIO BICHO
O SILÊNCIO E O GRITO
PÁSSARO, MULHER
QUE PINTA A VERDADE NO ROSTO
TRAZ A CORAGEM NO CORPO
E NUNCA ESCONDE O QUE É**



A segunda cena do enredo trata da natureza performática de Ney no período em que aparece para o grande público como integrante do grupo “Secos e Molhados” num visual que misturava androginia e a estética sul-americana com toques surreais como material criativo.

**PELO VISÍVEL, INDEFINÍVEL
RESSIGNIFICA O FRÁGIL
O QUE CONFUNDE É O DESBUNDE
DO QUE DESAFIA O FÁCIL
CANTO COM ALMA DE MULHER
ARTE QUE SABE O QUE QUER**



O passeio pela arte de Ney chega ao seu espírito libertário, transgressor.

Desfilando pelos discos da segunda metade da década de 1970, a Imperatriz trata da provocação moral e a teatralização da libido sexual, movimentos que afastaram Ney da aceitação social de uma população reprimida.

Os versos deste trecho explicitam essa transgressão.

Eles formam o primeiro refrão, que termina com a citação à polêmica música “Homem com H”.

**E NÃO SE ESQUEÇA...
EU SOU O POEMA QUE AFRONTA O SISTEMA
A LÍNGUA NO OUVIDO DE QUEM CENSURAR
LIVRE PARA SER INTEIRO
POIS, SOU HOMEM COM H
EU SOU O POEMA QUE AFRONTA O SISTEMA
A LÍNGUA NO OUVIDO DE QUEM CENSURAR
LIVRE PARA SER INTEIRO
POIS, SOU HOMEM COM H
E COMO SOU...**



Após expressar a personalidade do artista o enredo da Imperatriz mergulha nos seus maiores sucessos, citados no quarto setor. Destaque para “Mulheres de Atenas”; “Balada do louco”; “Rosa de Hiroshima”; “Sangue latino”; “Pavão misteriozo” e “O vira”, entre outros.

O BICHO, BANDIDO, PECADO E FEITIÇO
PAVÃO DE MISTÉRIOS, REBELDE, CATIÇO
A VOZ QUE À CÁLIDA ROSA DEU NOME
A FORÇA DE ATHENAS QUE O MAU NÃO CONSOME
O SANGUE LATINO QUE VIRA
VIRA, VIRA LOBISOMEM
EU JURO QUE É MELHOR SE ENTREGAR
AO JEITO FELINO PROVOCADOR
DEVORO PRA SER DEVORADO



O desfile vai terminar numa grande festa, permissiva e ensolarada.

“Um convite ao desfrute das delícias e dos prazeres capitaneados pelo discurso estético e performático de Ney Matogrosso”, como escreveu Leandro Vieira na sinopse.

As músicas que inspiram este encerramento são “Pro dia nascer feliz”; “Não existe pecado ao sul do equador”; “Folia no matagal”; “Vira lata de raça”; “Homem com H” e “Eu quero é botar meu bloco na rua”.

Encerrando com muita folia o desfile da verde e branco de Ramos.

NÃO VEJO PECADO AO SUL DO EQUADOR
SE JOGA NA FESTA, ESQUECE O AMANHÃ
MINHA ESCOLA NA RUA PRA SER CAMPEÃ!
VEM MEU AMOR
VAMOS VIVER A VIDA
BOTA PRA FERVER
QUE O DIA VAI NASCER FELIZ NA LEOPOLDINA



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

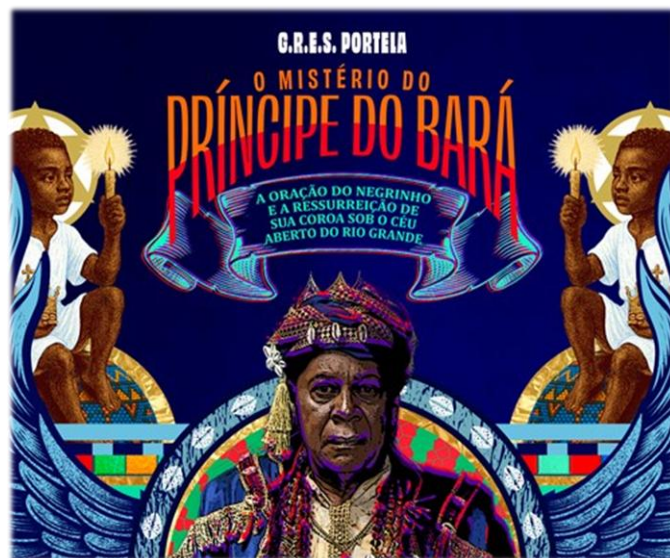
PORTELA

“O Mistério do Príncipe do Bará, a oração do Negrinho e a ressurreição de sua coroa sob o céu aberto do Rio Grande”

(3ª escola do Domingo)

A Portela apresenta no carnaval 2026 o enredo “O Mistério do Príncipe do Bará, a oração do Negrinho e a ressurreição de sua coroa sob o céu aberto do Rio Grande”, do carnavalesco André Rodrigues em parceria com Fernanda Oliveira, João Vitor Silveira e Marcelo David Macedo.

Eles propõem “uma *narrativa fantástica*” - ou seja sem conexão precisa com a realidade - sobre a *história da comunidade negra no Rio Grande do Sul*, a partir de um personagem considerado essencial não só para a construção da negritude e da afrorreligiosidade no estado, mas que também é apontado como um “farol para o estabelecimento do movimento negro nacional”.



Esse personagem central do enredo é o príncipe africano Custódio Joaquim de Almeida.

“Batizado Osuanlele Okizieru, no Benin, ele descendia da realeza e se tornou guerreiro da liberdade de sua gente - uma luta que o levou a ser perseguido até deixar sua terra natal.”, diz a sinopse.

A história não é precisa, mas Custódio seria filho do rei de Ajudá que foi exilado após sua terra ter sido violentamente dominada pelos ingleses, no fim do século XIX.

Guiado pelo Ifá, um sistema divinatório e uma filosofia ancestral de origem iorubá que funciona como um oráculo que para guiar as pessoas em suas vidas, o príncipe buscou uma direção que o protegesse: chegou na Bahia, passou pelo Rio de Janeiro e enfim aportou no Rio Grande do Sul.

Lá se tornou uma figura muito popular entre todas as camadas da sociedade e desenvolveu o “Batuque”, unindo diferentes religiões afro-brasileiras de diversas nações que tinham filhos no solo gaúcho.

Ficou conhecido então como “O príncipe do Bará”.

Bará é um dos orixás do Batuque, lá chamado de “Exu Bará” – que ficou fortemente ligado e até é confundido com Custódio, embora eles sejam oficialmente personagens diferentes.

Ao exaltar Custódio a Portela propõe uma mudança de entendimento sobre a história negra no Brasil, uma descentralização da narrativa e a valorização da resistência do povo preto e seus vários heróis em diferentes regiões do país.

O carnavalesco André Rodrigues posiciona Custódio como “um mito de fundação da sociedade gaúcha”. O samba é dos compositores Valtinho Botafogo, Raphael Gravino, Gabriel Simões, Braga, Cacau Oliveira, Miguel Cunha e Dona Madalena.

E será cantado pelo estreante na escola de Madureira, Zé Paulo Sierra, após a morte do intérprete Gilsinho – que ficou quase duas décadas à frente do microfone número um da águia altaneira.

O desenvolvimento do enredo da Portela é criado a partir de um encontro fictício da entidade “Bará” com o “Negrinho do Pastoreio”, figura importante do folclore gaúcho.

A lenda do Negrinho narra o sofrimento do menino nas mãos de um fazendeiro cruel, que o abandona sobre um formigueiro.

De forma milagrosa o menino ressurgue sem ferimentos, montado em um cavalo e abençoado pela Virgem Maria.

O Negrinho é associado a quem procura objetos perdidos, que podem acender velas pedindo sua ajuda. O Negrinho encontra a antiga coroa de Custódio e relata o fato a Bará.

Nos primeiros versos os autores fazem um pequeno resumo das origens de Bará, cuja coroa é regida por Sapaktá, uma divindade das religiões de matriz africana, equivalente ao orixá Obaluaiê no Candomblé Ketu.

Eles também falam da vinda bem-sucedida de Custódio (Aláfia) para o Brasil, a partir da consulta ao Ifá.

**Ê BARÁ, Ê BARÁ... ÔÔ!
QUEM REGE A SUA COROA, BARÁ?
É O REI DE SAPAKTÁ
ALÁFIA DO DESTINO NO IFÁ!**



Na estrofe seguinte o samba exalta a criação do Batuque, religião que Custódio foi fundamental para popularizar:

**TEM MISTÉRIO QUE ENCANDEIA
PRO BATUQUE COMEÇAR
SOU MISTÉRIO QUE ENCANDEIA
PRA PORTELA INCORPORAR**



A cena seguinte é um diálogo entre Bará e o Negrinho.

A entidade africana incentiva o menino a libertar a si próprio e ao povo preto gaúcho ao contar a história negra no Rio Grande.

Fala em resgatar a tradição, do assentamento africano no sul brasileiro, e do “Reino de Ajudá”, uma referência a um antigo reino na costa do Benin, de onde veio Custódio, que foi porto com grande movimento de pessoas escravizadas, e hoje é a cidade de Uidá.

Este trecho termina afirmando que o Pampa, bioma do local, que no imaginário popular é um local de colonos alemães ou italianos, é negro por essência.

**VAI, NEGRINHO... VAI FAZER LIBERTAÇÃO
RESGATAR A TRADIÇÃO
ONDE A ÁFRICA ASSENTA
Ô, CORRE GIRA, VEM REVELAR
O REINO DE AJUDÁ
O PAMPA É TERRA NEGRA EM SUA ESSÊNCIA**



O primeiro refrão pode ser lido como uma resposta do Negrinho do Pastoreio ao Bará.

Ele começa com a saudação ao Orixá - Alupo, Alupô.

E segue descrevendo os rituais religiosos da afro-religião gaúcha, o Batuque:

**ALUPO, MEU SENHOR, ALUPÔ!
VAI TER XIRÊ NO TOQUE DO TAMBOR
ALUMIA O CRUZEIRO... CHAVE DE ENCRUZILHADA
É MACUMBA DE CUSTÓDIO NO ROMPER DA MADRUGADA**



A segunda parte do samba começa resumindo a história de Custódio no Rio Grande do Sul.

Ele viveu em Pelotas e depois em Porto Alegre. Conta que ele foi curandeiro, feiticeiro, batuqueiro e precursor.

Quando fala que ele “Pôs a nata no congá” se refere ao fato de que políticos e artistas procuravam Custódio para consultas e rituais de cura.

Conta ainda que Custódio deixou vários assentamentos do Batuque em pontos importantes de Porto Alegre, como o Mercado Municipal, um legado que continua servindo aos batuqueiros.

**CURANDEIRO, FEITICEIRO, BATUQUEIRO, PRECURSOR
PÔS A NATA NO GONGÁ (Ô, IAIÁ!)
FUNDAMENTO EM SEU TERREIRO
RESISTE A FÉ NO ORIXÁ
DA CRENÇA NO MERCADO
AO RITO DO ROSÁRIO
AINDA SEGUE VIVO O SEU LEGADO**



Como todo bom samba-enredo este também exalta a própria escola ao colocá-la como trono de Zumbi, um dos grandes nomes da história negra brasileira.

Para depois destacar o posto de Majestade do Samba que a agremiação conquistou ao longo da história.

Um trecho que coloca a Escola de Madureira como Yalorixá, uma sacerdotisa do povo preto.

**PORTELA... TU ÉS O PRÓPRIO TRONO DE ZUMBI
DO SAMBA, A MAJESTADE EM CADA ORI
YALORIXÁ DE TODO AXÉ**



Na preparação final para o refrão o samba retorna ao Negrinho do Pastoreio, que no enredo será o novo príncipe gaúcho, e diz que ele manterá viva a chama de Bará porque o povo preto pode enfrentar qualquer demanda.

**ENQUANTO HOVER UM PASTOREIO
A CHAMA NÃO APAGARÁ
NÃO HÁ DEMANDA QUE O POVO PRETO NÃO POSSA ENFRENTAR**



O refrão final começa com trechos em iorubá como “Oni Bará” - senhor Bará, e “Babá Lodê” - que é uma das versões do Exu Bará, responsável pela estrutura do terreiro.

Os últimos versos fazem um resumo do encerramento da história com a Portela forte, energizada pelo Dendê, coroando o Negrinho do pastoreio como novo príncipe do povo preto.

O herdeiro da coroa de Bará.

**AE ONI BARÁ! AE BABÁ LODÊ!
A PORTELA REUNIDA CARREGADA NO DENDÊ
SOB O CÉU DO RIO GRANDE
TEM REZA PRA ABENÇOAR
O PRÍNCIPE HERDEIRO DA COROA DE BARÁ!**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

MANGUEIRA

“Mestre Sacaca do Encanto Tucuju - O Guardião da Amazônia Negra”

(4ª escola do Domingo)

No carnaval de 2026, a Estação Primeira de Mangueira levará para a avenida o enredo "Mestre Sacaca do Encanto Tucuju - O Guardião da Amazônia Negra".

Seguindo a missão de exaltar as brasilidades em verde e rosa, a escola enaltece as tradições afro-indígenas do Norte brasileiro por meio de um dos seus mais célebres personagens.

De origem negra e indígena, Raimundo dos Santos Souza, o Mestre Sacaca, titulação xamânica, navegou pelos rios que cruzam a região Norte do Brasil, entrando em contato com diferentes populações tradicionais.

Mestre Sacaca tornou-se um personagem de profundos saberes sobre o manuseio de ervas, seivas, raízes e elementos que compõem a Amazônia Negra amapaense.

Utilizava seus conhecimentos no tratamento de doenças e do cuidado comunitário por meio de garrafadas, chás e simpatias. Por isso, também ficou conhecido como “doutor da floresta”.

O samba da Mangueira para 2026 tem a assinatura de Pedro Terra, Tomás Miranda, Joãozinho Gomes, Paulo César Feital, Herval Neto e Igor Leal.

Vamos conhecer o samba da verde e rosa na voz do jovem Dowglas Diniz.

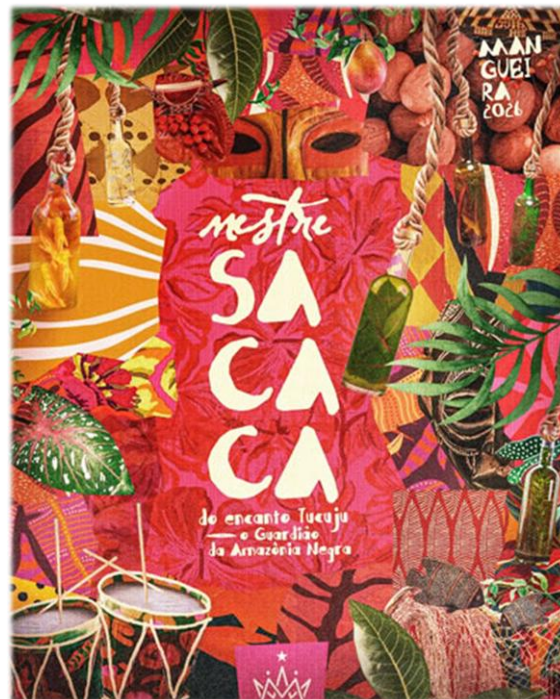
A Estação Primeira de Mangueira finca sua raiz no extremo Norte do país, no Estado do Amapá, para contar a história de Mestre Sacaca, que além de tratar doenças usando elementos da natureza disseminou receitas e simpatias com a publicação de livros e de seus programas em rádios locais.

Ele promovia a medicina ancestral e também o poder das ervas, manuseando a natureza em um equilíbrio entre ciência e espiritualidade.

“As folhas secas me guiaram ao Turé”.

Folha Seca, música de Nelson Cavaquinho, ilustre mangueirense.

As folhas secas de Mangueira viajam até o Turé: ritual de agradecimento a seres de outro mundo.



É o estado de encantamento do Mestre Sacaca que se manifesta espiritualmente para mostrar sua gente, seu lugar, seus mistérios e saberes.

Mangureira chega à Floresta pintada em verde-rosa, suas cores, e de jenipapo e urucum, pigmentos tradicionais de pinturas corporais indígenas e afro-brasileiras.

Pintam desde as cuias que guardam o sabor do beijú de mandioca até os enfeites criados com penas dos peitos das araras, que se encostam nas cabeças daqueles que festejarão os espíritos.

FINQUEI MINHA RAIZ

NO EXTREMO NORTE ONDE COMEÇA O MEU PAÍS

AS FOLHAS SECAS ME GUIARAM AO TURÉ

PINTADA EM VERDE-E-ROSA, JENIPAPO E URUCUM



“Árvore-mulher, Mangureira quase centenária.” O verso faz referência à escola que faz 100 anos em 2028 e a “Árvore-mulher”, a Samaúma, símbolo de fertilidade, de tamanho imponente, considerada sagrada por muitos povos.

E a Mangureira, a nação incorporada, tomada pela magia das matas adentra a floresta para desbravar os mistérios e segredos.

E fala também dessa nação do Norte do nosso país.

É a união das culturas afro e indígenas, com raízes quilombolas e também do povo Palikur, que vive nessa região do país.

O principal território fica na Terra Indígena Uaçá, no Norte do Amapá, nas margens do rio Urukauá, e também se estende para a Guiana Francesa, na região do rio Oiapoque.

“Regateando o Amazonas no transe do caxixi”.

E a escola vai navegando pelo Rio Amazonas sob o transe causado pelo Caxixi: bebida típica feita de mandioca fermentada e muito utilizada pelos indígenas nos rituais.

E nesse transe rio abaixo, a Mangureira descobre a vida, indo do Rio Oiapoque, município no extremo Norte do Amapá, no Brasil, conhecido por ser um ponto de fronteira com a Guiana Francesa, até o Rio Jari, conhecendo a vida e os povos da região.

Aqui os autores fazem uma brincadeira com a frase popular “Do Oiapoque ao Chuí”, os pontos mais extremos do país, modificando para: “Do Oiapoque ao Jari”, os pontos mais extremos do Amapá.

ÁRVORE-MULHER, MANGUEIRA QUASE CENTENÁRIA

UMA NAÇÃO INCORPORADA

HERDEIRA QUILOMBOLA, DESCENDENTE PALIKUR

REGATEANDO O AMAZONAS NO TRANSE DO CAXIXI

CORRE ÁGUA, JORRA A VIDA DO OIAPOQUE AO JARI



Hora da verde e rosa saudar seu homenageado.

“Çai Erê” é uma saudação indígena, que pode ser traduzida como “Salve”.

Salve o babalaô Mestre Sacaca, xamã nascido em 1926, que dedicou sua vida à defesa da floresta e das tradições, práticas e culturas afro-indígenas.

A Mangueira invoca os espíritos da floresta do meio do mundo, a Amazônia, para dentro dela e de suas comunidades repletas de belezas e encantos.

ÇAI ERÊ, BABALAÔ, MESTRE SACACA

TE INVOCO DO MEIO DO MUNDO PRA DENTRO DA MATA



A Mangueira saúda Mestre Sacaca, curandeiro, conhecido como Doutor da Floresta, dono dos saberes através do uso de plantas medicinais.

O preto velho que cura usando cascas e ervas.

O xamã Babalaô engarrafa a cura com as velhas chaleiras com infusões, em que garrafadas são preparadas para combater os males de quem ousa viver.

Ele defuma a folha, a casca, a erva.

Saravá, preto velho curandeiro, doutor das florestas do Amapá.

A medicina ancestral, fruto dos saberes indígenas e negros se une.

Entendimentos herdados das tradições orais passadas de geração a geração.

SALVE O CURANDEIRO, DOUTOR DA FLORESTA

PRETO VELHO, SARAVÁ

MACERA FOLHA, CASCA E ERVA

ENGARRAFA A CURA, VEM ALUMIAR

DEFUMA FOLHA, CASCA E ERVA... SARAVÁ



“Negro na marcação do Marabaixo. Firma o corpo no compasso”.

Hora de falar das manifestações culturais da região.

Mestre Sacaca também foi marabaixeiro, alguém que pratica ou participa do Marabaixo, e um dos maiores artesãos fabricantes de caixa de Marabaixo, manifestação cultural afro-amapaense que combina música, dança e ritual.

Participou ativamente da maior manifestação cultural desse estado, e integrou-se ativamente ao carnaval do Amapá, outro importante festejo da região.

Foi Rei Momo por mais de 20 anos, além de fundar blocos e escolas de samba do Estado.

“Com ladrões e ladainhas, ergo e consagro meu manto”.

Os cantos, ou melhor, os ‘ladrões de Marabaixo’ são versos improvisados que no primeiro momento relembavam a saga dos navios negreiros na travessia do Oceano Atlântico.

A ladainha é presente durante o período do Ciclo do Marabaixo e junta orações populares a trechos em latim, refletindo sua diversidade cultural e religiosa.

O canto compartilha a devoção ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade.

O Marabaixo louva os santos padroeiros da comunidade.

A Mangueira consagra seu manto, sua bandeira, pedindo benção ao Espírito Santo e a São José de Macapá, considerado o santo dos navegadores e dos pescadores, fato que é especialmente relevante para a região do Amapá, banhada pelo Rio Amazonas, além de ser o protetor das famílias e dos trabalhadores.

**NEGRO NA MARCAÇÃO DO MARABAIXO
FIRMA O CORPO NO COMPASSO
COM LADRÕES E LADAINHAS QUE ECOAM DOS PORÕES
ERGO E CONSAGRO O MEU MANTO
ÀS BENÇÃOS DO ESPÍRITO SANTO E SÃO JOSÉ DE MACAPÁ**



O samba segue apresentando os elementos da fusão afro-indígena.

"Gira" na Umbanda é um termo para a reunião de médiuns em um terreiro para rituais.

Na gira os espíritos se manifestam através da incorporação nos médiuns para realizar consultas e passes.

A dançadeira é a mulher que pratica a dança do Marabaixo, uma importante manifestação cultural afro-amapaense, que mistura elementos de devoção religiosa e resistência cultural.

"A Mão de Couro do Amassador" faz referência aos tocadores de tambores.

"Amassador" é um dos instrumentos típicos da Amazônia Negra.

**SOU GIRA, BATUQUE E DANÇADEIRA (AREIA)
A MÃO DE COURO DO AMASSADOR
ENCANTARIA DE BENZEDEIRA QUE A AMAZÔNIA NEGRA ETERNIZOU**



Neste verso do samba, os autores citam Benedita de Oliveira, conhecida como Tia Fé, que teve um papel histórico na consolidação do samba e na fundação da Estação Primeira de Mangueira.

Jongueira e mãe de santo, fundou o primeiro rancho do morro de Mangueira, o Pérolas do Egito, e ajudou a fundar os blocos que mais tarde deram origem à Mangueira.

Tia Fé, mãe do morro de Mangueira, abençoou o jeito Tucuju.

Tucuju é um apelido carinhoso para o amapaense.

O termo vem dos povos indígenas que habitavam a região do Rio Amazonas.

**YÁ, BENEDITA DE OLIVEIRA, MÃE DO MORRO DE MANGUEIRA
ABENÇOE O JEITO TUCUJU**



Hora da Mangueira celebrar a união entre a escola de samba e o povo do Amapá.

O rufar do surdo mór anuncia o encanto final: Sacaca se torna uma grande árvore monumental.

A Mangueira ao contemplar seu tronco frondoso e sua copa sagrada, reconhece nele o próprio espelho, e vislumbra seu reflexo: o "Jequitibá do Samba".

Ancestral, resistente e permanente.

No encontro de tamborins e caixas de Marabaixo, o morro desce e encontra toda a gente Tucuju.

Numa apoteose amazônica, as fronteiras se desfazem, e se tornam um território único, com raízes fincadas e entrelaçadas em sua ancestralidade: a Estação Primeira do Amapá.

Onde se consagra a jornada de Sacaca, uma saga encantada e mítica.

Profundamente mangueirense.

Acima de tudo, brasileira.

**A MAGIA DO MEU TAMBOR TE ENCANTOU NO JEQUITIBÁ
CHAMEI O POVO DAQUI, JUNTEI O POVO DE LÁ
NA ESTAÇÃO PRIMEIRA DO AMAPÁ**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

MOCIDADE INDEPENDENTE

“Rita Lee, a Padroeira da Liberdade”

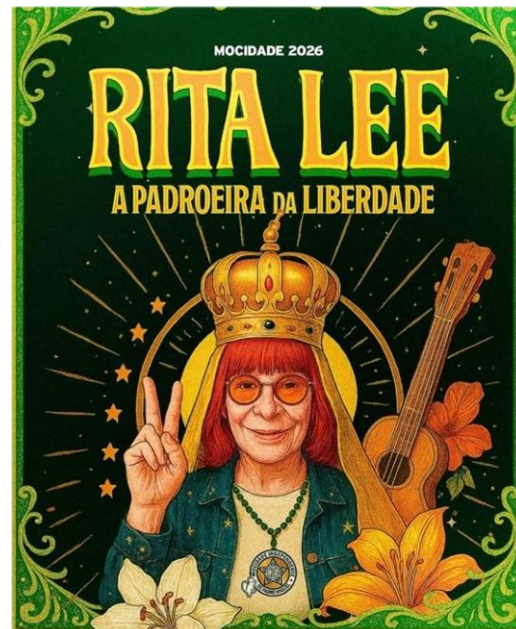
(1ª escola da 2ª feira)

Em 2026, a Mocidade Independente de Padre Miguel levará para a avenida a história da cantora Rita Lee, no enredo “Rita Lee, a padroeira da liberdade”, de autoria do carnavalesco Renato Lage.

A Mocidade vai homenagear a cantora e compositora, ícone da música brasileira, exaltando sua originalidade, rebeldia e o legado de sua música e o comportamento que marcou gerações.

O samba da escola de Padre Miguel é de autoria dos compositores: Jeffinho Rodrigues, Diego Nicolau, Xande de Pilares, Marquinho Índio, Richard Valença, Orlando Ambrósio, Renan Diniz, Lauro Silva, Cleiton Roberto e Cabeça do Ajax.

Vamos conhecer agora o samba da verde e branco pro carnaval 2026.



O samba da Mocidade passeia pelas músicas da cantora para contar o enredo.

Nos primeiros versos da obra, os compositores destacaram o espírito transgressor da artista, que rompeu com as regras.

Um deboche que refrescou e mudou a cena musical do país.

O primeiro verso “Um belo dia resolvi mudar” é uma referência direta ao verso da música “Agora Só Falta Você”, canção de Rita e Tutti Frutti, de 1975.

Rita Lee voa em carreira solo e rompe com o tradicional, da “gente careta”.

E para as famílias de bons costumes, dá um grito libertário e rebelde, formando uma nova geração de “ovelhas negras”, de fãs e seguidores que remaram contra a maré da ditadura e da censura.

“Ovelhas negras” faz referência a outra grande obra da cantora.

**UM BELO DIA RESOLVI MUDAR
CANSEI DESSA GENTE CARETA
AOS SEUS BONS COSTUMES, EU SINTO INFORMAR
FORMEI OUTRAS OVELHAS NEGRAS**



Rita Lee era tropicalista na veia.

Fez parte do movimento cultural brasileiro da década de 1960.

Era a do verbo sem freio, sem papas na língua, sem medo de se expor e de quebrar as regras naqueles tempos sombrios.

“Para a farda, uma língua e o dedo do meio”. Com sua ousadia nas letras, bateu de frente com os militares e, mesmo perseguida, seguiu sendo transgressora, ousada, obscena e inovadora.

Com seu cabelo vermelho, de fogo, e a lente encarnada, seus clássicos óculos escuros avermelhados, Rita também fez parte do grupo Mutantes.

A artista ganhou notoriedade durante o Movimento Tropicalista como vocalista da banda, que contava com o baixista e vocalista Arnaldo Baptista, o guitarrista e vocalista Sérgio Dias, o baterista Dinho Leme e o baixista Liminha.

Em 1972, Rita Lee deixou “Os Mutantes”. Ela descreveu esse momento como “trágico, esquisito e injusto”, que deixou uma marca profunda na cantora.

**A TROPICALISTA DO VERBO SEM FREIO
PRA FARDA, UMA LÍNGUA E O DEDO DO MEIO
CABELO DE FOGO E A LENTE ENCARNADA
MUTANTE DA PELE MARCADA**



“Transo rock e o samba”. Aqui os autores fazem uma referência à roqueira, que revolucionou o ritmo com letras sobre sexo e liberdade, com a artista hoje homenageada por uma escola de samba.

Rita juntou em sua obra a mistura de ritmos brasileiros com a psicodelia mutante.

“Agora só falta você”, “Agora só falta você”.

Faltava ainda a Mocidade nessa mistura de sons e ritmos para a festa ficar completa.

**TRANSO ROCK E SAMBA PRA SENTIR PRAZER
AGORA SÓ FALTA VOCÊ...
AGORA SÓ FALTA VOCÊ!**



Nesse refrão do meio, os autores brincam com a cantora e com a própria Mocidade.

“Sou Independente, fácil de amar”, é a Mocidade independente chamando pra folia, mas pode ser a homenageada despida de qualquer censura, assim como a escola.

“Vem, baila comigo, só de te olhar posso imaginar loucuras”. Aqui os autores fazem referência a mais duas músicas da cantora. “Baila comigo”, música de Rita Lee e Roberto de Carvalho, de 1980, e o verso “posso imaginar loucuras”, faz referência à música “Mania de Você”.

É um convite pra dançar e para as loucuras provocativas e disruptivas.

**SOU INDEPENDENTE, FÁCIL DE AMAR
LIVRE DE QUALQUER CENSURA
VEM, BAILA COMIGO, SÓ DE TE OLHAR
POSSO IMAGINAR LOUCURAS**



Amor é pra sempre, verso da música “Amor e Sexo”.

Rita cantou a liberdade, o amor, o feminino, o feminismo e a sexualidade da mulher.

“O corpo compondo entre a boca e o ventre”. Ela compôs canções que desafiaram estereótipos e tabus, sem preconceitos.

“Dedilha a guitarra... arranca as amarras e me bebe quente”. Rita Lee tocou guitarra em diversas fases de sua carreira, consolidando-a como uma pioneira do rock feminino no Brasil.

Rita arrancou as amarras, quebrando os padrões.

“Me bebe quente” é um verso da música “Doce Vampiro”.

Ela tem fome de amar, se entregar e, como diz a sinopse, se deixar beber quente como um licor.

**AMOR É PRA SEMPRE
O CORPO COMPONDO ENTRE A BOCA E O VENTRE
DEDILHA A GUITARRA...
ARRANCA AS AMARRAS E ME BEBE QUENTE**



“Doce vampiro”, “Desculpe o auê”, “Caso sério”, “Lança perfume” são músicas consagradas da homenagem.

E que auê a nossa Rita Lee causou na sociedade, hein?

Rita nunca teve medo de falar a verdade, sempre aumentou o tom pra falar o que pensa, sem ser tolhida, cerceada.

Não adianta prender e proibir.

Ela sempre foi a defensora dos oprimidos, maldita pela Igreja.

“Uma Santa Rita Leeberdade”, bruxa contra o preconceito e a caretice”.

**MEU DOCE VAMPIRO ALÉM DO QUERER
DESCULPE O AUÊ!
SE É CASO SÉRIO, EU LANÇO PERFUME, AUMENTA O VOLUME
QUE EU BANCO A VERDADE
NÃO ADIANTA PRENDER
SANTA RITA “LEEERDADE”**



“Vem, seja Pagu, se entrega”.

Pagu é uma música de Rita Lee e Zélia Duncan, considerada um hino feminista.

A canção homenageia a escritora Patrícia Galvão, apelidada de Pagu.

Rita foi uma voz única, feminina e plural na nossa história.

Quebrou regras, desconstruiu estereótipos.

No último verso, com o samba em primeira pessoa, ela deixa sua marca no carnaval da Mocidade.

Na assinatura de Rita Lee, ela coloca uma estrela no lugar do pingo no “i”.

Estrela também é o símbolo da Mocidade.

**VEM, SEJA PAGU, SE ENTREGA
QUEM FOGE AO PADRÃO VENCE A REGRA
A VOZ FEMININA, PLURAL
ASSINO A ESTRELA DO SEU CARNAVAL**



‘Mocidade, ê-ê-ê-ê-ê, Minha Mocidade, voltei por você!’

O refrão foi inspirado na melodia do hit “Erva Venenosa”.

“Desbaratina a razão, se joga, meu bem”.

A frase pode ser associada à letra de "Lança-Perfume", onde se canta "Desbaratina, não dá pra ficar imune.

Mocidade não segue a lógica, se entrega, se joga de maneira ousada e transgressora.

Sem medo de causar no céu, no mar, na lua, na Vila Vintém.

Aqui os autores fazem referência à música “Mania de Você” e aos versos “*No chão, no mar, na Lua, na melodia*”.

A escola traz o mundo de Rita Lee pra todos os lugares do universo, inclusive na Vila Vintém, onde a escola está sediada.

**MOCIDADE, Ê-Ê-Ê-Ê-Ê
MINHA MOCIDADE, VOLTEI POR VOCÊ!
DESBARATINA A RAZÃO, SE JOGA, MEU BEM
NO CÉU, NO MAR, NA LUA...
NA VILA VINTÉM**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

BEIJA-FLOR

“Bembé”

(2ª escola da 2ª feira)

A Beija-Flor, campeã do carnaval de 2025, mantém a linha dos enredos ligados à negritude e apresenta para 2026 “Bembé”, do carnavalesco João Vitor Araújo.

A escola vai levar para a Sapucaí uma representação do “Bembé do Mercado”, uma celebração de Candomblé feita em praça pública em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano.



O evento acontece anualmente no dia 13 de maio, celebrando o aniversário da abolição da escravidão, e foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan em 2019.

Apalavra “Bembé” é uma referência abreviada e carinhosa ao Candomblé.

O samba-enredo, fruto da junção de duas obras, leva as assinaturas de Sidney de Pilares, Marquinhos Beija Flor, Chacal do Sax, Cláudio Gladiador, Marcelo Lepiane, João Conga, Salgado Luz, Júlio Assis, Diego Oliveira, Diogo Rosa, Manolo, Júlio Alves, Cláudio Russo e Léo do Piso.

E com a aposentadoria do mestre Neguinho da Beija-Flor, será cantado pela dupla escolhida num reality show – Jessica Martin e Nino do Milênio, que já faziam parte da equipe da escola.

O samba começa com uma afirmação do orgulho negro a partir da Lei Áurea... *“Não me peça pra calar minha verdade, pois a nossa liberdade não depende de papel”*

E logo em seguida resume o tema a ser cantado... *“Em Santo Amaro, todo 13 de maio, Nossa ancestralidade é festejada à luz do céu”*

**NÃO ME PEÇA PRA CALAR MINHA VERDADE
POIS A NOSSA LIBERDADE NÃO DEPENDE DE PAPEL
EM SANTO AMARO, TODO 13 DE MAIO
NOSSA ANCESTRALIDADE É FESTEJADA À LUZ DO CÉU**



O idealizador da manifestação, o pai de santo João de Obá, que em 1889 saiu às ruas com seus filhos de santo para comemorar o primeiro ano de liberdade, é exaltado como griô, guardião da memória cultural de uma comunidade, junto com seu legado - a manifestação que hoje acontece no mercado público da cidade.

“Ê é João de Obá, griô sagrado. Ê é herança viva no mercado”

A letra do samba é bastante didática ao iniciar a descrição da celebração: “*Cantando, saudamos a nossa fé. Às nações do candomblé, onde a paz e o respeito. Ressoam no couro do ‘Axé Funfun’*”

A partir deste ponto os compositores passam a usar as expressões em iorubá como ‘Axé Funfun’, que faz referência à força espiritual dos Orixás que vestem branco e simbolizam pureza, paz e equilíbrio, como Oxalá e Obatalá.

**Ê Ê JOÃO DE OBÁ, GRIÔ SAGRADO
Ê Ê HERANÇA VIVA NO MERCADO
CANTANDO, SAUDAMOS A NOSSA FÉ
ÀS NAÇÕES DO CANDOMBLÉ
ONDE A PAZ E O RESPEITO
RESSOAM NO COURO DO AXÉ FUNFUN**



O fato de a celebração acontecer em lugar público – algo comum para outras religiões, mas raríssimo nas de origem africana – é pontuado com orgulho nos versos.

“Não tememos ataque algum. A rua ocupamos por direito!”

**NÃO TEMEMOS ATAQUE ALGUM
A RUA OCUPAMOS POR DIREITO!**



O primeiro refrão do samba descreve os rituais de início da celebração religiosa.

A começar pela defumação, uma limpeza energética que utiliza a fumaça de ervas e resinas para purificar o ambiente e as pessoas, afastar energias negativas e trazer equilíbrio espiritual.

“Põe erva pra defumar”. E o Ebó, normalmente alimenta os ofertados aos Orixás para atrair boas energias, e buscar proteção como eles afirmam no verso “Um EBÓ pra proteger...”

A expressão do verso seguinte, *“Saraiéié Bokunan!”* é usada nos terreiros para afastar o mal, a inveja e os maus pensamentos. Ao citar a encruza, ou encruzilhada, o samba se refere a um ponto de força e um local sagrado para Exu e Pomba Gira, entidades guardiãs dos caminhos e mensageiras. É o local onde são feitos os despachos e oferendas.

“Nosso povo é da encruza, arte preta de terreiro... O evento, grandioso, tem várias tendas onde se pode encontrar culinária, literatura, teatro, ou seja: “É mistura de cultura”, para uma “multidão de macumbeiro!”

**PÕE ERVA PRA DEFUMAR
UM EBÓ PRA PROTEGER...
SARAIÉIÉ BOKUNAN! SARAIÉIÉ!
NOSSO POVO É DA ENCRUZA,
ARTE PRETA DE TERREIRO...
É MISTURA DE CULTURA
MULTIDÃO DE MACUMBEIRO!**



Tudo pronto, começa a festa que se estende da quarta-feira ao domingo, com vários rituais específicos, como o Xirê: uma roda com música ao som de atabaques e dança para a evocação e louvação dos Orixás.

“O povo gira no xirê, deixa girar

A fé se espalha em cada canto, em cada olhar

Transborda magia no toque do tambor”

**O POVO GIRA NO XIRÊ, A CELEBRAR
A FÉ SE ESPALHA EM CADA CANTO, EM CADA OLHAR
TRANSBORDA MAGIA NO TOQUE DO TAMBOR**



Entre todos os orixás, duas Yabás, Mães rainhas, são figuras centrais no Bembé:

Oxum e Iemanjá, as rainhas das águas.

A elas são entregues presentes em balaio na principal celebração de todo o evento, que termina na praia com a entrega das ofertas a Iemanjá, cuja saudação “Alodê” significa “salve a rainha”!

“Às Yabás, o balaio e o amor... Yemanjá Alodê no mar (no mar). é d’Oxum toda beleza do Ibá”

Ibá, ou igbá, é uma cabaça (recipiente sagrado) que abriga objetos de adoração aos orixás e usado como conexão com eles e suas energias.

**ÀS YABÁS, O BALAIO E O AMOR...
YEMANJÁ ALODÊ NO MAR (NO MAR)
É D’OXUM TODA BELEZA DO IBÁ**



A sinopse do enredo conta que “um caminhão cercado de gente - de santo e de não-santo - segue pelas ruas da cidade sagrada, rumo às águas onde tudo começou.

A carreata passa pela Igreja da Purificação, onde rosários ecoam memórias ancestrais.

Transita pelos terreiros mais antigos, guardiões de séculos de história e fé, e segue pelas casas de personalidades santoamarenses, símbolos de uma tradição viva.

“É reza no corpo é dança na alma

a rosa, a palma, o omolucum”

O omolucum é uma comida ritual feita com feijão-fradinho, cebola, camarão seco e azeite de dendê, oferecida ao orixá Oxum para simbolizar fertilidade e prosperidade.

No samba da Beija-Flor, os compositores escolheram Dona Canô, mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia, para representar estas personalidades do local.

“É Dona Canô de todo recanto”

E aí surge a conexão com a própria escola de samba, no verso “*Evoco a Baixada de Todos os Santos*”. A Beija Flor é da Baixada Fluminense.

**É REZA NO CORPO, É DANÇA NA ALMA
A ROSA, A PALMA, O OMOLUCUM
É DONA CANÔ DE TODO RECANTO
EVOCO A BAIXADA DE TODOS OS SANTOS**



Encerrado o relato sobre o Bembé na Bahia, o samba convoca uma grande celebração na Sapucaí, com a proposta de transformar a avenida numa reprodução do Bembé.

“Atabaque ecoou, liberdade que retumba. Isso aqui vai virar macumba

Deixa girar que a rua virou Bembé”

Para encerrar com uma exaltação à agremiação quando diz que “*o meu egbé*”, que é uma sociedade espiritual, “*faz valer o seu lugar*”.

Saúda Exu, com o tradicional “*Laroyê*” e arremata com o “*Beija-Flor, Alafiá*”, que é quando um jogo de búzios aponta um resultado positivo afirmando que o objeto da consulta está no caminho certo.

**ATABAQUE ECOOU, LIBERDADE QUE RETUMBA
ISSO AQUI VAI VIRAR MACUMBA
ATABAQUE ECOOU, LIBERDADE QUE RETUMBA
ISSO AQUI VAI VIRAR MACUMBA
DEIXA GIRAR QUE A RUA VIROU BEMBÉ
DEIXA GIRAR QUE A RUA VIROU BEMBÉ
O MEU EGBÉ FAZ VALER O SEU LUGAR.
LARoyÊ BEIJA-FLOr, ALAFIÁ**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

VIRADOURO

“Pra cima, Ciça”

(3ª escola da 2ª feira)

Em 2026, a Unidos do Viradouro levará para a avenida a história de um dos seus no enredo: “Pra cima, Ciça!”

A escola pretende contar na avenida, a vida e a história de um dos maiores mestres de bateria do carnaval brasileiro.

O samba que vai homenagear Ciça foi composto por Claudio Mattos, Renan Gêmeo, Rodrigo Gêmeo, Lucas Neves, Rodrigo Rolla, Ronaldo Maiatto, Bertolo, Silvio Mesquita, Marcelo Adnet e Thiago Meiners.

Vamos conhecer agora o samba-enredo da escola de Niterói para 2026.

A Viradouro, ao completar 80 anos de fundação em 2026, vai celebrar uma personalidade vital nessa trajetória: o sambista Moacyr da Silva Pinto, o Ciça.

O samba da escola começa com uma referência ao samba da Estácio de 1992, quando Ciça conquistou seu primeiro título pela agremiação.

“Eu vi (ai meu deus eu vi). Um arco-íris clarear o céu da minha fantasia...”.

Nos primeiros versos, os autores do samba usam termos que remetem diretamente à bateria, como: o pulsar, os compassos, a batida do coração e o batucar.

É uma introdução poética a história que será contada na avenida.

Hora de eternizar um dos grandes nomes do carnaval carioca.

E o coração de cada componente da Viradouro vai bater no ritmo da bateria da vermelho e branco de Niterói.

**EU VI, A VIDA PULSAR COMO FOSSE CANÇÃO
MILHÕES DE COMPASSOS PRA ETERNIZAR
EM CADA BATIDA DO MEU CORAÇÃO
O SOM QUE REFLETE O SEU BATUCAR**



Nesse momento do samba, os autores falam do nascimento de Ciça pro mundo do carnaval e seu início de carreira na Estácio, berço do samba.

A “Deixa Falar” criada na região foi a primeira escola de samba do Brasil.

Ciça é cria do Estácio, orgulho de Ismael e Bicho Novo.

Ismael Silva, sambista e fundador da “Deixa Falar”, e Bicho Novo, um dos fundados da Unidos de São Carlos, atual Estácio, foi o primeiro mestre-sala do carnaval.

Ciça foi forjado nas garras do velho Leão, animal símbolo da Estácio.

**LÁ, ONDE O SAMBA FEZ BERÇO, DO ALTO DO MORRO
UM MENINO ORGULHA ISMAEL, BICHO NOVO
FORJADO NAS GARRAS DO VELHO LEÃO**



Nesse berçário de feras, Estácio de Sá, Ciça começou a desenhar o seu destino.

E 1971, tornou-se passista da São Carlos.

Mas, aos poucos, uma nova chama acende dentro dele.

Ele troca o bailado pela percussão.

Trazendo o surdo, tarol e repique pra ele reger.

O verso “Contam, no Largo do Estácio, o destino em seu passo” também faz referência a música “Estácio Holly Estácio” de Luiz Melodia.

“Se alguém quer matar-me de amor que me mate no Estácio.

Bem no compasso, bem junto ao passo.

Do passista da escola de samba, do largo do Estácio”

**CONTAM, NO LARGO DO ESTÁCIO, O DESTINO EM SEU PASSO
QUE FEZ POUCO A POUCO UMA CHAMA ACENDER
TRAZ SURDO, TAROL E REPIQUE PRO MESTRE REGER**



Ciça criou um estilo único de reger as baterias por onde passou, sempre em busca da levada perfeita.

Ao comandar seus ritmistas na avenida, seu apito ressoa e parece magia.

E o apito de Ciça é o apito do trem caipira, que levou a Estácio de Sá ao seu primeiro título no carnaval de 1992, quando a escola fez uma homenagem a Semana de Arte Moderna.

A bateria da Estácio, conhecida como “Medalha de Ouro” quebrou a banca com um suingue perfeito, marcando no peito da escola de samba, pulsando em cada coração estaciano.

**QUANDO O APITO RESSOA PARECE MAGIA
NUM TREM CAIPIRA, NO OLHAR DA BAIANA
MEDALHA DE OURO, SUINGUE PERFEITO
QUE MARCA NO PEITO DA ESCOLA DE SAMBA**



Se a vida é um enredo, desfilou outros amores.

Ciça, cria do Estácio, também tem outros amores e tambores.

O maestro vascaíno, ao mesmo tempo que comandou a charanga rubro-negra, esteve à frente do desfile do centenário do Vasco na Unidos da Tijuca.

Também passou pela Viradouro, Grande Rio e União da Ilha até retornar para a vermelha e branco de Niterói em 2019.

Nesse período, o maestro do morro imprimiu em cada bateria seu registro de ousadia e inovação.

Pausas de mil compassos, joelhos abaixo, instrumentos pra cima... Pra cima, Ciça!

**SE A VIDA É UM ENREDO, DESFILOU OUTROS AMORES
MAESTRO FEZ DO COURO SINFONIA
NA OUSADIA DOS SEUS TAMBORES**



E o que faltava ainda pra inventar?

Na Viradouro em 2007, Ciça colocou seus ritmistas, fantasiados de peças de xadrez em cima de um carro alegórico.

Comandando a bateria da Viradouro, Ciça deu toque de mestre em pegada de magia.

Um feiticeiro que incorporou a macumba em sua orquestra, com atabaques, toque de Ijexá e Adarrun, saudando Orixás e Voduns, divindades que se manifestam no Brasil através de religiões como o “Candomblé Jeje” e o “Tambor de Mina”.

Atabaques chamaram o sagrado e ergueram as vitórias de 2020, com "Viradouro Lava a Alma" e "Arroboboi, Dangbé", carnaval de 2024.

Bateria pra frente, caixa tocada no alto, na altura do ombro, são legados do “Mestre Caveira”, como também é conhecido o homenageado da Viradouro.

**PEÇA PERFEITA PRA ME COMPLETAR
FEITICEIRO DAS EVOCAÇÕES
ATABAQUE MANDOU TE CHAMAR
PRA MACUMBA JOGAR POEIRA
NO ALTO, VAI RESISTIR
A CAIXA DE MOACYR
LEGADO DO MESTRE CAVEIRA**



E no carnaval de 2026, cada integrante da Viradouro vai pulsar por seu regente, grato por todas as lições que ele nos ensinou.

Alegre, desvairado, apaixonado, da favela, popular, da amizade, do improviso, da disciplina, do coletivo, da generosidade.

Ele é por todos e todos são por ele.

Hoje é dia dos súditos coroarem seu mestre na avenida.

Furacão é o apelido da bateria da Viradouro.

E a agremiação diz que a história não encontra despedida porque certamente no outro carnaval terá mais um show do Mestre Ciça.

**SOU EU, MAIS UM BATUQUEIRO A PULSAR POR VOCÊ
CIÇA, GRATIDÃO PELAS LIÇÕES QUE EU PUDE APRENDER
E HOJE AOS TEUS PÉS SOMOS TODOS UM NESSA AVENIDA
NUM FURACÃO QUE NUNCA VAI TER FIM
NOSSA HISTÓRIA NÃO ENCONTRA DESPEDIDA**



Se eu for morrer de amor, que seja no samba.

Hora de exaltar a paixão pela Escola nesse refrão principal e o legado de Ciça.

Se for morrer de amor, que seja pela Viradouro, escola que Ciça ajudou a consagrar com seu talento.

E a Viradouro faz a homenagem em vida e não espera a saudade pra cantar e falar dos seus.

A herança em vida, o tambor, o pulsar da marcação, as frases do tamborim, as bossas, o ataque das caixas, regidas por Ciça, o mestre dos mestres de bateria do nosso carnaval.

**SE EU FOR MORRER DE AMOR, QUE SEJA NO SAMBA
SOU VIRADOURO, ONDE A ARTE O CONSAGROU
NÃO ESPERAMOS A SAUDADE PRA CANTAR
DO MESTRE DOS MESTRES HERDEI O TAMBOR**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

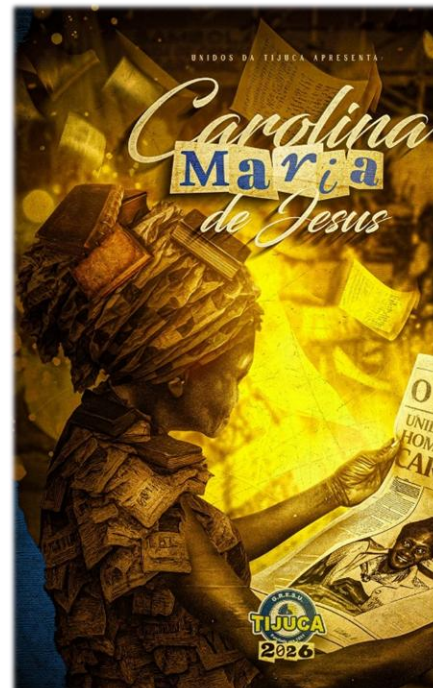
UNIDOS DA TIJUCA**“Carolina Maria de Jesus”***(4ª escola da 2ª feira)*

No carnaval de 2026, a Unidos da Tijuca levará para a avenida o enredo ‘Carolina Maria de Jesus’.

A escola vai contar a história da escritora considerada uma das vozes mais potentes da literatura brasileira. Carolina retratou com profundidade a vida nas favelas e as desigualdades sociais.

Seu livro mais conhecido, "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", publicado em 1960, teve grande repercussão no Brasil e no exterior, e é até hoje referência sobre a realidade das periferias. O enredo da escola do Borel leva a assinatura de Edson Pereira e o samba da Tijuca foi composto por Lico Monteiro, Samir Trindade, Leandro Thomaz, Marcelo Adnet, Marcelo Lepiane, Telmo Augusto, Gigi da Estiva e Juca.

Vamos conhecer agora o samba da escola para o próximo carnaval na voz poderosa de Marquinho Art’Samba.



A Unidos da Tijuca fará uma homenagem à escritora, memorialista e artista Carolina Maria de Jesus, contando a história dela através de seus diários, poemas e letras.

A obra da escritora destaca sua luta contra o racismo e a desigualdade social.

O samba da Unidos da Tijuca está em primeira pessoa como se ela estivesse contando a sua história. “EU SOU FILHA DESSA DOR QUE NASCEU NO INTERIOR DE UMA SAUDADE”.

A escritora, nascida em Minas Gerais, herda também toda a dor e sofrimento dos seus antepassados. Essa dor e a história de luta nasceram num passado de dificuldades e desejos.

Nasce no interior de uma saudade, do passado, das lembranças.

“NETA DE PRETO VELHO QUE ME ENSINOU OS MISTÉRIOS. BITITA COR, RETINTA VERDADE”.

Essa parte do samba fala de sua origem e infância em Sacramento.

Nos braços de seu avô, Benedito, preto velho, ancestral daquelas cercanias, ela aprendeu os segredos que só o tempo revela no encanto do falar e do ouvir.

Bitita era seu apelido e significa “de cor preta” na língua Changana do Moçambique.

Era a menina de cor preta e retinta verdade, a verdade da cor escura.

Na sequência do samba, a homenageada se apresenta.

“ME CHAMO CAROLINA DE JESUS. DELE HERDEI TAMBÉM A CRUZ”.

Do seu avô Benedito herdou a cruz, carregando todo sofrimento e preconceito.

**EU SOU FILHA DESSA DOR
QUE NASCEU NO INTERIOR DE UMA SAUDADE
NETA DE PRETO VELHO QUE ME ENSINOU OS MISTÉRIOS
BITITA COR, RETINTA VERDADE
ME CHAMO CAROLINA DE JESUS
DELE HERDEI TAMBÉM A CRUZ**



“OLHE EM MIM EU TENHO AS MARCAS. ME IMPUSERAM SOBREVIVER”.

Maria Carolina de Jesus carrega consigo as marcas do sofrimento e da sabedoria dos mais velhos, transmitidas nos dizeres de tudo que ela queria conhecer.

A ela só restava lutar e sobreviver para ser a voz, relatar e contar as mazelas.

“POR SER LIVRE NAS PALAVRAS, CONDENARAM MEU SABER”.

Maria Carolina de Jesus fala de um Brasil cuja abolição foi mais literária do que real.

Foi presa e açoitada por portar um dicionário.

Como Carolina sabia ler, as autoridades concluíram que ela lia para fazer feitiçaria.

“FUI A CANETA QUE NÃO REPRODUZIU A SINA DA MULHER PRETA NO BRASIL”.

Ela foi a voz, a caneta, ao denunciar a opressão. Carolina rompeu e não reproduziu a sina, o ciclo de sofrimento. Ela quebra o padrão, oferecendo esse legado de resistência e luta para as mulheres negras do nosso país.

**OLHE EM MIM EU TENHO AS MARCAS
ME IMPUSERAM SOBREVIVER
POR SER LIVRE NAS PALAVRAS
CONDENARAM MEU SABER
FUI A CANETA QUE NÃO REPRODUZIU
A SINA DA MULHER PRETA NO BRASIL**



"OS OLHOS DA FOME ERAM OS MEUS" Em 1937, Carolina Maria de Jesus mudou-se para a cidade de São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica.

Em 1948, foi viver na favela do Canindé, onde nasceram seus três filhos.

Enquanto viveu ali, sua forma de subsistência era catar papéis e outros materiais para reciclar.

A nossa homenageada viu a fome de perto, a miséria e realidade da favela do Canindé, em SP.

E será que existe justiça social em meio a tanta dor, miséria e abandono?

O próximo falha em proteger os seus.

Cabe ao divino, a justiça de Deus reparar os erros dos homens.

À margem da sociedade, transformou a dor em palavras.

“MEU QUARTO FOI DESPEJO DE AGONIA. A PALAVRA É ARMA CONTRA A TIRANIA”.

Seu primeiro livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, de 1960, vendeu cerca de 10 mil exemplares em apenas uma semana e foi traduzido para 13 idiomas, sendo distribuído em mais de 40 países.

Neste livro, ela narra a agonia da mulher preta, favelada, que tinha na caneta sua arma para lutar e denunciar a fome, mas também seus pensamentos em torno de pautas políticas e sociais. Era a favelada que escrevia sobre as mazelas sociais para a elite, a classe média deslumbrada e a classe política, tirana e degradada.

**OS OLHOS DA FOME ERAM OS MEUS
JUSTIÇA DOS HOMENS, NÃO É MAIOR QUE A DE DEUS DEPOSIÇÃO
MEU QUARTO FOI DESPEJO DE AGONIA
A PALAVRA É ARMA CONTRA A TIRANIA**



“SONHEI SOBRE AS PÁGINAS DA VIDA ILUSÕES TOLHIDAS NO SISTEMA ALGOZ”.

E Carolina escreve sobre os sonhos e desejos reprimidos por um sistema opressor, que só tinha olhos pra miséria em tempos eleitorais.

E esse sistema e essa sociedade que cala e reprime, silencia e tenta apagar e silenciar a grandeza e realce, os saberes e conhecimentos do povo preto e sua história de ancestralidade.

**“SONHEI SOBRE AS PÁGINAS DA VIDA
ILUSÕES TOLHIDAS NO SISTEMA ALGOZ”
QUE TENTA APAGAR NOSSA GRANDEZA
CALAR A REALCE QUE RESISTE EM NÓS**



“DOS SALÕES DA BURGUESA AOS BARRACOS DO BOREL.ONDE NASCEM CAROLINAS NÃO SEREMOS MAIS OS RÉUS”.

A frase faz um contraste social entre a elite e a população mais pobre, que se encontra representada nas favelas, como o Borel.

O legado de Carolina que inspira outras mulheres negras em diferentes contextos sociais a não aceitarem mais tanta desigualdade. Em cada lugar que houver resistência, o povo não será mais condenado, réu de tanta injustiça e miséria.

**DOS SALÕES DA BURGUESIA AOS BARRACOS DO BOREL
ONDE NASCEM CAROLINAS NÃO SEREMOS MAIS OS RÉUS**



A Tijuca canta “Por tantas Marias que viram seus filhos crucificados”, mães que perderam seus filhos de forma trágica ou violenta. Num samba repleto de metáforas há um paralelo com Maria, mãe de Jesus, que testemunhou a crucificação de seu filho.

Carolina de Jesus, mãe solo, preta e pobre, lutou pela sobrevivência de seus filhos na favela.

Nas linhas escritas de sua dor, marcada por sofrimento, ela usou o verbo, a literatura para denunciar as feridas de sua realidade na favela.

O seu legado é sua obra, seus livros, como “Quarto de Despejo”.

“MEU PAÍS NASCEU COM NOME DE MULHER. SOU A LIBERDADE, MÃE DO CANINDÉ”.

“MEU PAÍS NASCEU COM NOME DE MULHER...”

O primeiro nome do Brasil foi Vera Cruz. Por coincidência, Vera é nome de uma das suas filhas. “SOU A LIBERDADE, MÃE DO CANINDÉ”.

Carolina de Jesus tentou ser calada e silenciada, mas sua figura reluz resistência e liberdade.

A força dos seus versos da mãe da favela do Canindé, preta, escritora, resistiu e abriu espaço para outras mulheres.

**POR TANTAS MARIAS QUE VIRAM SEUS FILHOS CRUCIFICADOS
NAS LINHAS DA VIDA, VERBO NA FERIDA, DEIXEI MEU LEGADO
MEU PAÍS NASCEU COM NOME DE MULHER
SOU A LIBERDADE, MÃE DO CANINDÉ**



Neste carnaval, a Unidos da Tijuca vai à luta para mudar a história de tantas mulheres que vivem à margem da sociedade.

Tirando do verso, das obras e livros e se inspirando na trajetória de Carolina Maria de Jesus, força para vencer as barreiras do preconceito e da desigualdade.

“RECONHECE O SEU LUGAR E LUTA. ESSE É O NOSSO JEITO DE ESCREVER”.

A Tijuca preta, pobre e periférica exalta nossos heróis marginalizados e vai à luta.

E o jeito da Tijuca escrever para combater as mazelas e lutar contra as injustiças é fazendo carnaval e contando a história de luta e sofrimento do povo preto.

**MUDA ESSA HISTÓRIA, TIJUCA!
TIRA DO MEU VERSO A FORÇA PRA VENCER
RECONHECE O SEU LUGAR E LUTA
ESSE É NOSSO JEITO DE ESCREVER**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

PARAÍSO DO TUIUTI

“Ifá Lonan Lukumi”

(1ª escola da 3ª feira)

Em 2026, o Paraíso do Tuiuti levará para a avenida o enredo: “Ifá Lonan Lukumi”, tema que será desenvolvido pelo carnavalesco Jack Vasconcelos fala sobre uma vertente religiosa afro-cubana que, a partir dos anos 90, chega ao Brasil e se desenvolve com muita força.

Assim como vem acontecendo nos últimos carnavais, a escola decidiu encomendar o samba-enredo.

A obra é de autoria de Claudio Russo, Gustavo Clarão e Luiz Antônio Simas. Vamos conhecer agora a letra do samba da escola de São Cristóvão para o carnaval de 2026.

Nas religiões afro-brasileiras e na Santeria, de origem afro-cubana, que surgiu a partir das crenças dos povos escravizados especialmente da etnia Yorubá, existe a figura do Babalaô.

O Babalaô é chamado pelos seus afilhados, aquele que ele inicia, de padrinho.

É comum chamar uma pessoa iniciada por um Babalaô de afilhada dele.

Em Cuba, Babalaô também é chamado de padrinho.

Essa figura é responsável por guiar seus afilhados nos caminhos espirituais.

“Meu padrinho me falou”, “Cada um tem seu Orí”.

O padrinho orienta e diz que cada ser humano tem seu próprio caminho espiritual, único.

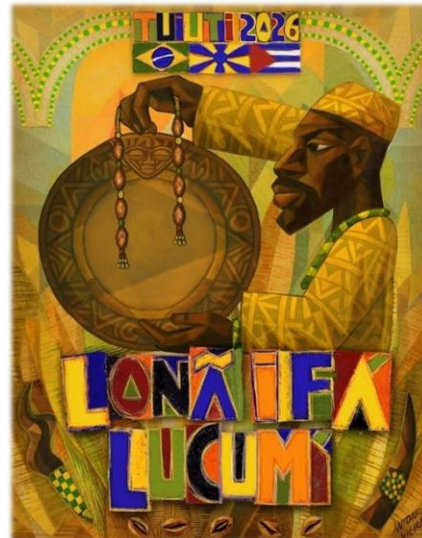
Orí significa a cabeça, a divindade pessoal de cada indivíduo.

O “destino é professor” diz que aprendemos com a vida, com o destino que a nós foi traçado, antes até de nosso nascimento.

A raiz é Lucumi. *Lucumi* são os descendentes do povo iorubá em Cuba.

Aqui os compositores falam sobre as raízes ancestrais, fincadas em Cuba.

**MEU PADRINHO ME FALOU
CADA UM TEM SEU ORÍ
O DESTINO É PROFESSOR
A RAIZ É LUCUMI**



O Ifá é um oráculo africano de origem iorubá, utilizado na prática de divinação, apontando as possibilidades que futuro lhe apresenta, que podem ser vividas ou não pela pessoa.

O ifá é um oráculo propositivo. Ele não determina um futuro que já está escrito.

Ele aponta os caminhos que o futuro lhe reserva, pra que você possa optar pelos bons caminhos e fugir dos maus caminhos.

“Ifá, retira dessa flor os seus espinhos” é um pedido pra tirar do caminho, representada pela flor, todas pedras que estiverem nessa caminhada espiritual.

Na tradição de Ifá, a flor do bredo-branco (o popular caruru sem espinhos) é utilizada em diversos banhos para propiciar a boa sorte.

O ifá que revela o odu, que são os caminhos de vida de uma pessoa.

Na tradição dos orixás, o odu é uma espécie de signo que rege o nascimento de cada pessoa e é revelado pelo oráculo de Ifá.

A tradição iorubá aponta a existência de dezesseis odus principais, os chamados “odus da criação”, cujas combinações entre eles mesmo e ou outros perfazem 256 odus.

Cada pessoa é regida por um desses odus.

Os ikins são sementes sagradas, caroços de dendê, que conectam os humanos ao orixá Orunmilá, a divindade da profecia e da adivinhação.

Irê significa positividade. Me dê seu irê, me dê o bom caminho, o caminho positivo.

**IFÁ, RETIRA DESSA FLOR OS SEUS ESPINHOS
REVELA MEU ODU E SEUS CAMINHOS
COM OS IKINS DE ORUNMILÁ
ME DÊ SEU IRÊ PARA VIDA**



Olodumarê é o ser supremo, criador de tudo, incluindo os orixás.

Ele reside na dimensão metafísica do Orum e é visto como o princípio e o destino.

“Espalhou axé e amor no ilê dos orixás”.

Olodumarê, o criador, age indiretamente, espalhando força e amor, delegando sua sabedoria aos orixás na criação do mundo.

“ilê”, palavra de origem iorubá, significa "casa" ou "terreiro", é o próprio planeta.

Como o orixá reside nos elementos da natureza, é a própria terra, onde tudo existe.

“E o negro iniciado no segredo”, ou seja, um babalaô.

A palavra segredo em ioruba é “aô”. Babalaô é o “pai do segredo”.

O reino de Olokun é o oceano.

Do oceano ele fez o seu caminho, é a viagem da África ao Caribe.

“Rompendo os grilhões de morte e medo”, resistindo a escravidão e a dor.

“Foi o primeiro babalaô da ilha”. Remígio Herrera, o Adechina, um ex-cativo de engenho açucareiro trouxe os fundamentos do culto ifá e se tornou o primeiro babalaô em solo cubano.

**OLODUMARÊ CRIADOR
ESPALHOU AXÉ E AMOR
NO ILÊ DOS ORIXÁS
E O NEGRO INICIADO NO SEGREDO
DO REINO DE OLOKUN FEZ SUA TRILHA
ROMPENDO OS GRILHÕES DE MORTE E MEDO
FOI O PRIMEIRO BABALAÔ DA ILHA**



O samba começa na África e quando chega em Cuba com Adechina, é cantando um típico canto cubano “Babá Moforibalé”.

Babá significa ‘pai’ em iorubá e moforibalé significa ‘colocar a cabeça no chão’, num ato de respeito e humildade.

Babá Moforibalé: ‘pai eu te saúdo’.

Orunmilá, orixá do destino que rege a vida das pessoas, é o sábio, o ‘taladê’.

Os versos representam uma saudação respeitosa ao sábio Orunmilá.

**BABÁ MOFORIBALÉ, BABÁ MOFORIBALÉ
ORUNMILÁ TALADÊ, BABÁ MOFORIBALÉ**



Eleguá, também conhecido como Exú, Bará ou Elegbará. É considerado o guardião dos caminhos e detentor de um grande poder mágico.

Eleguá tem a capacidade de abrir e fechar as portas do destino.

Nada acontece sem o seu conhecimento e autorização.

O Exu que sempre acompanha Orunmilá está presente em todas as consultas de Ifá e forma a tríade dos guerreiros, ao lado de Ogum e Oxóssi.

Costuma ser muitas vezes representado como um menino travesso e poderoso, amante dos doces, vestido de vermelho e preto. E quis o destino que os primeiros iorubás em terras cubanas fossem mandados para as fazendas de cana-de-açúcar e café.

Era a criação da nação Lucumí que se levantou contra os colonizadores.

“Moenda não pode mais moer, põe fogo na cana”.

Eles se insurgiram, destruindo vários engenhos, incendiando fazendas e libertando centenas de escravizados.

**ELEGUÁ
É O DONO DO PODER
MOENDA NÃO PODE MAIS MOER
PÕE FOGO NA CANA**



“Mandinga e dendê” estão associados ao culto a Eleguá.

Mandinga é a capacidade de manipular o destino e o dendê, essencial nas oferendas, é a força e energia vital.

“Hoje o coro vai comer nas barbas de Havana”. Ao mesmo tempo, faz referência a revolução cubana e a expansão da religião ainda que o Estado cubano tenha se declarado ateu.

Nas “barbas de Havana” tem um duplo sentido sofisticado, fazendo referência a revolução, mas também tem o sentido de ‘nas proximidades’.

Proximidade com a província de Matanzas, que fica perto de Havana, ou seja, nas barbas de Havana, que é um grande centro do ifá cubano.

**ELEGUÁ
TEM MANDINGA E DENDÊ
HOJE O CORO VAI COMER
NAS BARBAS DE HAVANA**



“Ah! o ânimo de ser do baticum” é o ânimo de ser vinculado as religiões que batem tambor, incluindo o próprio samba. A lâmina sagrada de Ogum, o obé, é instrumento de poder que protege das energias negativas e do mau-olhado.

“E a sina de quem ama o idefá”.

É o caminho, a jornada de quem ama e busca desvendar os caminhos da vida através da consulta ao oráculo e seus preceitos.

O Idéfa é uma pulseira específica da religião, utilizada pelos iniciados no Ifá, servindo de proteção espiritual. Ela simboliza um pacto feito com o Orunmilá para evitar mortes súbitas.

**AH! O ÂNIMO DE SER DO BATICUM
COM A LÂMINA SAGRADA DE OGUM
E A SINA DE QUEM AMA O IDEFÁ**



Essa tradição religiosa caribenha se expandiu e chegou ao Brasil e se consolidou no RJ.

Chega ao país e florescem babalaôs brasileiros que beberam na fonte da cultura Lucumí.

No verde e amarelo do Brasil faz referência ao Brasil e as cores do ifã cubano.

É o casamento do Brasil e Cuba a partir do verde e amarelo.

Opelê e Oponifá são usados na prática religiosa.

Opelê é um rosário de ifá, instrumento de adivinhação e Oponifá é o tabuleiro de adivinhação.

**AH! A RAMA DO CARIBE SE EXPANDIU
NO VERDE E AMARELO DO BRASIL
NAS CORDAS DO OPELÊ E NO Oponifá**



O samba agora fala sobre a reconstrução do mundo num momento de tantas dúvidas e conflitos.

“Derruba o muro quem sabe asfaltar”, hora da superação, de construir o novo.

Caminhos abertos na mão de Ifá para trilhar os novos caminhos abertos pelo destino.

“Que o mundo entenda, o ebó venceu a dor”.

O ebó são as oferendas, que tem o poder de vencer a dor, eliminar todo o mal, quando buscamos ajuda de um babalaô para nos guiar nessa transformação.

**DERRUBA OS MUROS QUEM SABE ASFALTAR
CAMINHOS ABERTOS NA MÃO DE IFÁ
QUE O MUNDO ENTENDA
O EBÓ VENCE A DOR
SENTADO À ESTEIRA DE UM BABALAÔ**



E o Tuiuti canta para saudar os orixás Orunmilá e Legbá.

Iboru Iboya Ibosheshe! Ibarabô, agô lonã olukumi.

Ibarabô é uma saudação que invoca Exu, ou Legbá.

Agô é um pedido de bênção. Lonã é o caminho.

E Olokumi refere-se ao povo Lucumi, descendentes da cultura africana que mantiveram vivas suas tradições religiosas na ilha de Cuba.

E o samba termina com um pedido a Orunmilá.

Iboru Iboya Ibosheshe: ‘que nossas súplicas sejam ouvidas’!

Na tradição de ifá é maneira que todos se saúdam. Iboru Iboya Ibosheshe

**IBARABÔ, AGÔ LONÃ OLUKUMI
IBARABÔ, AGÔ LONÃ OLUKUMI
IBORU IBOYA IBOSHESHE... CANTA TUIUTI!
IBORU IBOYA IBOSHESHE... CANTA TUIUTI!**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

VILA ISABEL

“Macumbembê, Samborembá. Sonhei que um Sambista Sonhou a África”

(2ª escola da 3ª feira)

A Unidos de Vila Isabel vai homenagear em 2026 o multiartista Heitor dos Prazeres, um dos pioneiros do samba e das Escolas de Samba com o enredo “*Macumbembê, Samborembá. Sonhei que um Sambista Sonhou a África*”, dos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora junto com o pesquisador Vinícius Natal.

A agremiação da terra de Noel propõe um enredo em sonho, misturando as várias facetas da personalidade singular do seu homenageado, muito ligadas à negritude urbana carioca, enraizada na chamada “Pequena África” do Rio de Janeiro num momento de explosão cultural que transbordaria, entre tantas outras coisas, nas Escolas de Samba.

Evandro Bocão e André Diniz, autores de vários sambas da escola nas últimas décadas, têm a parceria de Arlindinho Cruz na obra que foi aclamada no dia que seria a final do concurso de samba-enredo, tamanho o sucesso que fez durante toda a disputa.

Cria da Vila, Tinga segue comandando o time de canto com a garra de sempre.

A letra procurou seguir a sinopse não apenas na concepção artística e na cronologia, mas também utilizando expressões presentes no texto apresentado pelos criadores do enredo.

Os carnavalescos propõem logo no início que o tema seja contado em forma de sonho, apoiados por uma declaração de Heitor dos Prazeres contando que toda sua criação artística partia do que ele sonhava. Esta citação abre a sinopse junto a uma outra, em que Heitor fala ao museu da imagem e do som sobre relação entre samba e macumba “A Macumba é o ritual mais aproximado do Samba (...) a origem do Samba é a Macumba.”

Esta conjunção fez com que os carnavalescos criassem as expressões “Macumbembê” e “Samborembá”, que estão no título do enredo.

Da união destas primeiras ideias nasceu a chamada “cabeça” do samba, os primeiros versos.

**SONHEI MACUMBEMBÊ, SONHO SAMBOREMBÁ
MACUMBA É SAMBA E O SAMBA É MACUMBA
PODE ATÉ FAZER QUIZUMBA SÓ NÃO PODE É SEPARAR
SONHO SAMBOREMBÁ, MACUMBEMBÊ...**



Seguimos então para a apresentação do berço de Heitor dos Prazeres, a chamada “Pequena África” do Rio de Janeiro, região que concentrou grande parte da população negra, recém liberta da escravidão.

Muita gente que veio do interior para morar na capital, muitos e muitas com origens na Bahia, de onde trouxeram referências religiosas e culturais.

A região entre a Pedra do Sal e a Praça Onze virou um caldeirão cultural de origem africana.

Cenário onde nasceu o menino Heitor.

**DEM DA MÃE-TERRA,
FIRMOU PONTO NA BAHIA
E NA ÁFRICA PEQUENA
GERMINOU PRA FLORESCER
Ê QUILOMBO...
É A PEDRA DO SAL
ARRAIGOU EM TERREIRO E QUINTAL**



A infância de Heitor – conhecido como Lino – acontece ali, nas casas das chamadas “tias baianas”, como Hilária Batista, a famosa Ciata, sua madrinha.

Era afilhado também de um dos grandes bambas da época, Hilário Jovino, grande agitador cultural da “Pequena África” de quem foi sobrinho e espelho no campo artístico.

Cresceu em contato com a cultura preta brasileira: capoeira, macumba, samba e carnaval.

Era destaque na comunidade, citado pelos carnavalescos como “príncipe”.

O termo “anjo de asas de prata” faz referência a fantasias dos “ranchos baianos”, muitos criados pelo tio Hilário, que revolucionavam o carnaval e serviram de base para as Escolas de Samba.

**NO CHÃO BATIDO
ASSENTOU O FUNDAMENTO
FOI O LINO DE MADRINHA
DE PADRINHO, ESPELHAMENTO
FLUTUOU NA CAPOEIRA
AO PERFUME DE CIATA
NEGRO PRÍNCIPE DE OURO...
O ANJO DE ASAS DE PRATA**



O primeiro refrão é sobre a participação de Heitor na macumba, especialmente nas rodas da casa de Tia Ciata.

Nos terreiros ele atuou como Ogã-Alabê-Nilu, um sacerdote responsável pela preservação dos instrumentos usados nos rituais.

Foi comparsa de Pixinguinha.

Cantava e batucava atabaques nas giras dos orixás.

**UM OGÃ-ALABÊ, MACUMBEIRO
A FUMAÇA DO CACHIMBO,
PRETO-VELHO SOPROU
ENCANTO DA GIRA E DA RODA DE BAMBA
POESIA NA CURIMBA,
BATUQUEIRO E CANTADOR**



Já adulto, Heitor flanava pela cidade com habilidade e inteligência.

Viveu diferentes manifestações culturais como o Lundu e o Cateretê e viu o samba, elegante no linho, virar febre.

Aprendeu sozinho a tocar cavaco e se tornou compositor.

Fez obras como o clássico “Pierrot apaixonado”, em parceria com o poeta da Vila, Noel Rosa.

Tornou-se um dos autores do samba que deu à Portela a vitória no primeiro concurso entre Escolas de Samba, na casa de Zé Espinguela - a flecha certa de Oxossi.

Virou um rei afro!

Sambista de todas as escolas, esteve também na Mangueira de Cartola e quando foi convocado para representar a cultura negra brasileira, como um embaixador, num festival em Dakar, na velha África, foi junto com um filme que retratava a Vila Isabel dos tempos de um dos seus mais importantes compositores, Paulo Brazão.

**FOI DO LUNDU E DO CATERETÊ
ALINHOU NO LINHO SANTO,
CAVAQUINHO NA MÃO
APAIXONADO PIERROT, AFRO-REI
A FLECHA CERTEIRA DE OXÓSSI NA CANÇÃO
RELUZ NAS ESCOLAS,
EM NOEL E CARTOLA
GANHOU O MUNDO
COM O MUNDO DE PAULO BRAZÃO**



Aqui o samba passa a falar da própria escola e de uma outra faceta artística de Heitor, a pintura.

Sua obra hoje é reconhecida internacionalmente.

Seus quadros retratavam os seus sonhos, o seu mundo, sua vida.

Por isso a partir deste momento a letra mistura a comunidade do Mocambo, hoje morro, dos Macacos, e do morro do Pau da bandeira – bases da agremiação fundada por “Seu China” e consagrada por Martinho José Ferreira – com a aquarela de Heitor.

Com todos os tons de cores e de sons.

DE TODOS OS TONS, A VILA NEGRA É
DE TODOS OS SONS, A NEGRA VILA É
DE CHINA E FERREIRA, MOCAMBO,
MACACOS E PAU DA BANDEIRA
DA NOSSA FAVELA BRANCA E AZUL DO CÉU
NO BRANCO DA TELA, O AZUL DO PINCEL
VEM SER AQUARELA,
PINTAR A UNIDOS DE VILA ISABEL



O auge do samba chega no refrão final que começa saudando os orixás de cabeça de Heitor, a mãe Oxum e o pai Xangô, para depois oferecer em tom poético ao homenageado os sonhos que guiam todo o enredo, os tambores da sua bateria e os prazeres, brincando com o sobrenome dele, que todos os componentes hão de sentir nesse carnaval.

Uma apoteose!

ORA YÊ YÊ Ô, OXUM
KABECILÊ, XANGÔ
MEUS SONHOS E TAMBORES,
TINTAS E “PRAZERES”
PRA VOCÊ, HEITOR
ORA YÊ YÊ Ô, MAMÃE OXUM
KABECILÊ, MEU PAI XANGÔ
MEUS SONHOS E TAMBORES,
TINTAS E “PRAZERES”
PRA VOCÊ, HEITOR



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

GRANDE RIO

“A nação do mangue”

(3ª escola da 3ª feira)

No carnaval de 2026, a Grande Rio levará para a avenida o enredo “A nação do mangue”, assinado pelo carnavalesco Antônio Gonzaga.

A escola de Caxias fará uma homenagem à cultura pernambucana e ao “Movimento Manguebeat”.

A Grande Rio vai celebrar a resistência cultural, mergulhando na lama dos manguezais para mostrar que de lá brota cultura, além de transformação política e social, a partir dos toques das alfaias, da dança dos caboclos de lança, das letras de Chico Science e do manifesto de Fred 04.

O samba da escola tricolor é de autoria dos compositores Ailson Picanço, Marquinho Paloma, Davison Wendel, Xande Pieroni e Marcelo Moraes.

Vamos conhecer agora o samba da Grande Rio para o próximo carnaval.

A Grande Rio mergulha no mangue de Recife para contar a história cultural do povo que vive nas bordas da capital pernambucana.

“Lá vem caboclo, herdeiro de Zumbi”.

Esse verso do samba se refere aos caboclos de lança, uma figura folclórica do estado de Pernambuco, atrelada às manifestações culturais do carnaval e do Maracatu Rural.

Por muitos considerado um dos símbolos da cultura pernambucana, também conhecido como lanceiro africano, caboclo de guiada ou guerreiro de Ogum, que traz consigo um certo mistério.

Há também referência a Zumbi dos Palmares, símbolo máximo da resistência negra à escravidão.

Também há uma brincadeira com as palavras Zumbi e nação para citar o grupo Nação Zumbi, que pertencia a Chico Science.

A Nação, o povo que vem dos manguezais é resistência e não se curva aos poderosos.

É manifesto em sua essência.

“Escute, nossa gente vem da lama”.

Da lama do mangue nasceram artistas e movimentos periféricos que lutaram pela transformação política e social.

“Resistência que inflama quando toca o xequerê”.

E essa luta das comunidades marginalizadas se enche de energia quando ouvimos o som do xequerê, instrumento musical de percussão de origem africana usado no Maracatu.

A ancestralidade pulsa e é celebrada nesse movimento cultural enraizado.

**LÁ VEM CABOCLO, HERDEIRO DE ZUMBI
A NAÇÃO ESTÁ AQUI NÃO SE CURVA AO PODER
ESCUTE, NOSSA GENTE VEM DA LAMA
RESISTÊNCIA QUE INFLAMA QUANDO TOCA O XEQUERÊ**



A escola segue celebrando a cultura periférica, resistente das comunidades marginalizadas.

“É casa de gueto, casa de gueto! Nossa voz que não se cala”.

Reafirmação e orgulho da comunidade do manguezal.

É o grito do manguezal, a luta por direitos de um povo que não tem voz, mas que jamais se cala.

Grita o povo de Caxias pelos manguezais do Recife.

“Batuca sem medo, por direito é o toque das alfaias”.

Batucar é uma forma de manifestação ancestral e legítima da cultura afro-brasileira.

O direito livre de se expressar através da arte.

Alfaia é um instrumento musical grande e de madeira usado no Maracatu.

**É CASA DE GUETO! CASA DE GUETO!
NOSSA VOZ QUE NÃO SE CALA
BATUQUE SEM MEDO, POR DIREITO
É O TOQUE DAS ALFAIAS**



A Grande Rio é a representação desse movimento periférico nascido da lama dos manguezais da capital pernambucana.

Vimos da lama, onde vivem capivaras, jacarés de papo amarelo, calangos e caranguejos – bichos e homens, homens-bicho.

À beira do Igarapé, que é um riacho que se estende por um manguezal.

Gabiru trabalha cedo, cata o lixo da maré.

"Saiu do mangue virou gabiru" é uma metáfora popularizada pelo movimento cultural do Mangubeat, especialmente na música do Chico Science, para descrever a transformação de um modo de vida ligado aos manguezais (e à pobreza associada a ele) para a vida urbana.

"Homem-gabiru": em um sentido mais profundo, a expressão pode simbolizar a adaptação do povo nordestino a um contexto urbano, usando a malandragem e a inteligência para sobreviver, como uma "evolução" do caranguejo.

O povo do mangue, do lixo, do abandono, onde o poder público não alcança, não vê.
É o homem convivendo com suas mazelas, as comunidades pobres que vivem nos manguezais.
Gabiru é uma espécie de rato, um roedor que habita essas regiões.

**EU TAMBÉM SOU CARANGUEJO
À BEIRA DO IGARAPÉ
GABIRU TRABALHA CEDO, CATA O LIXO DA MARÉ**



"Manamauê" é uma referência direta à música "Maracatu Atômico", um clássico do Mangubeat composto por Jorge Mautner e Nelson Jacobina e popularizada por Chico Science & Nação Zumbi.

Tem o significado de: "Salve a nação, salve o Maracatu".

"Saluba Nanã" é um chamado de respeito à ancestral mais velha, senhora das águas paradas, da lama e das passagens da vida.

A vida parecida com as águas do manguezal, nem é doce como rio, nem salgada como o mar.

A água do mangue é uma mistura de água doce e salgada.

É a dualidade de quem vive à margem, nesse ambiente tão complexo.

Existe a doçura, a felicidade, mas também a amargura, as dificuldades, representadas pelo sal.

**"MANAMAUÊ" MARACATU
SALUBA, Ê NANÃ YABÁ
A VIDA PARECIDA COM AS ÁGUAS
NÃO É DOCE COMO O RIO NEM SALGADA FEITO O MAR**



A margem já subiu para a cidade.

Neste verso, os autores fazem uma brincadeira.

O avanço da margem do Rio para a cidade, mas fala da cultura da periferia subindo para a cidade, invadindo e conquistando espaço nos grandes centros urbanos.

Os "troncos e cipós" estão relacionados aos manguezais e ao movimento mangubeat, que revolucionou através da rebeldia, dando nós, organizando e desorganizando, reconstruindo o pensamento através do popular, da música nascida da lama.

Gramacho encontrou Capibaribe é o encontro de regiões periféricas.

Jardim Gramacho, um bairro de Duque de Caxias, conhecido por abrigar um antigo aterro sanitário.

Capibaribe é o rio que corta o Recife e inspirou o movimento "Mangubeat".

Lugares que são sinônimos de resistência.

"Num mundo livre quero ver você cantar".

E é um convite para as minorias se manifestem livremente através da cultura popular.

**A MARGEM JÁ SUBIU PARA A CIDADE
ENTRE TRONCO E CIPÓ
REBELDIA DÁ UM NÓ... PENSAMENTO POPULAR
GRAMACHO ENCONTROU CAPIBARIBE
NUM MUNDO LIVRE QUERO VER VOCÊ CANTAR**



Freire, ensine uma país analfabeto, que não entendeu o manifesto da consciência popular.

A letra faz referência ao educador Paulo Freire, que sempre reforçou a importância da educação e da consciência social para o desenvolvimento dessas comunidades.

O Brasil analfabeto ainda não entendeu que educação deve sempre promover a consciência crítica, que permite ao oprimido se libertar e combater as injustiças sociais.

Chico, Manguebeat 'tá' na rua.

O movimento criado por Chico Science que faleceu em um acidente de carro em 1997, segue vivo, buscando dias melhores para as comunidades menos favorecidas.

Nesse carnaval, Caxias, terra da Grande Rio compra a luta do movimento periférico do Recife e transforma sua história em carnaval.

**FREIRE, ENSINE UM PAÍS ANALFABETO
QUE NÃO ENTENDEU O MANIFESTO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL
CHICO, MANGUEBEAT "TÁ" NA RUA
CAXIAS COMPROU A LUTA E TRANSFORMA EM CARNAVAL**



Duas nações da periferia unidas por um só propósito e através do som.

Respeite os tambores do meu ilê, se referindo ao candomblé e à ancestralidade.

A cadência do meu ganzá.

"Ilê" refere-se ao terreiro de candomblé, e a frase exalta a importância e a força da musicalidade, das tradições e da ancestralidade.

E o ganzá.

O ganzá é um instrumento de percussão, utilizado no samba, frevo e em maracatu.

Os autores nesses versos fazem uma brincadeira com os elementos do maracatu que se cruzam com os elementos do carnaval.

"À frente, o estandarte do meu povo pra erguer um tempo novo que nos faz acreditar".

No maracatu vem sempre um estandarte à frente e nas escolas de samba tem o pavilhão.

E vem chegando a Grande Rio e seu pavilhão, representando as cores de Recife, do povo da lama, para trazer e construir um mundo novo, mais igualitário e menos desigual.

É nessa mudança que sonha e acredita a escola.

**RESPEITE OS TAMBORES DO MEU ILÊ
RESPEITE A CADÊNCIA DO MEU GANZÁ
À FRENTE, O ESTANDARTE DO MEU POVO
PRA ERGUER UM TEMPO NOVO
QUE NOS FAZ ACREDITAR**



Hora da afirmação!

Bate no peito e diz que a Grande Rio é do mangue, da lama.

Filho da dor e do sofrimento da periferia.

Palafita são construções erguidas no mangue e em regiões pobres do país.

E de lá, de cima dessa palafita, a escola anuncia a revolução!

Ponta de lança é daruê.

O caboclo de lança, personagem da cultura pernambucana, representa o guerreiro e daruê é luta.

Gonguê é um instrumento de percussão afro-brasileiro, semelhante a um sino de metal, usado no maracatu.

Hora de tocar forte e chamar forte o povo pra revolução.

**EU SOU DO MANGUE, FILHO DA PERIFERIA
SOBRE UMA PALAFITA GRANDE RIO ANUNCIOU
PONTA DE LANÇA É DARUÊ
DOBRA O GONGUÊ... A REVOLUÇÃO JÁ COMEÇOU!**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

SALGUEIRO

“A delirante jornada carnavalesca da professora que não tinha medo de bruxa, de bacalhau e nem do pirata da perna-de-pau”

(4ª escola da 3ª feira)

Tentando quebrar um jejum de 16 anos sem título, o Salgueiro aposta numa homenagem à carnavalesca Rosa Magalhães - falecida ano passado - com o enredo “A delirante jornada carnavalesca da professora que não tinha medo de bruxa, de bacalhau e nem do pirata da perna-de-pau”, do carnavalesco Jorge Silveira em parceria com Leonardo Antan, Allan Barbosa e Ricardo Hessez.

É mais uma escola que fez junção de dois sambas.

A parceria de Rafa Hecht, Samir Trindade, Thiago Daniel, Clairton Fonseca, Fabrício Sena, Deiny Leite, Felipe Sena, Ricardo Castanheira, JP Figueira e Deco ficou com a maior parte da obra, enquanto o concorrente de Marcelo Motta, Dudu Nobre, Júlio Alves, Manolo, Daniel Paixão, Jonathan Tenorio, Kadu Gomes, Zé Moraes, Jorge Arthur e Fadico, entrou com o refrão final.

O intérprete será Igor Sorriso, pelo segundo ano consecutivo.

O Salgueiro propõe falar sobre a obra da artista sem uma ordem cronológica.

O enredo foi dividido em temas que permearam a carreira dela.

A letra do samba passeia por esses agrupamentos temáticos, mas não se aprofunda neles.

Insere, aqui e ali, referências a enredos e sambas que se destacaram na trajetória da carnavalesca.

Antes de tudo é apresentado o universo artístico de Rosa, introduzindo a viagem que está começando a partir da biblioteca onde ela pesquisou os temas que levou para a avenida.

**EU VIAJEI NOS ROCOCÓS DA ILUSÃO
ARTE QUE ME INSPIROU
REENCONTREI UM MUNDO DE IMAGINAÇÃO
MEMÓRIAS QUE VOCÊ CRIOU
DOS LIVROS REVI PERSONAGENS**



O segundo setor do desfile vai apresentar as cortes da nobreza, que tantas vezes se fizeram presentes nos desfiles de Rosa...

BARROCAS IMAGENS E NOBRES LEMBRANÇAS



Em seguida entra em cena o “mundo do faz de conta”, abordando enredos que tratavam de temas relacionados ao imaginário infantil.

AO VISITAR MEU SONHO DE FAZ DE CONTA ME DESENHEI CRIANÇA... VOLTEI A SER FELIZ



O primeiro refrão do samba trata dos enredos que transportavam os foliões para diferentes lugares do planeta.

As viagens de Rosa Magalhães são recontadas aqui com citações a desfiles específicos, como “O tititi da Sapucaí”, da Estácio de Sá em 1987, “Quem descobriu o Brasil foi seu Cabral, no dia 22 de abril, dois meses depois do carnaval”, e em “Breazil”, também da verde e branco da Leopoldina, de 2004.

QUE TITITI É ESSE PELO MUNDO A ME LEVAR NAVEGUEI SEM SAIR DO MEU LUGAR APORTEI NO DIA 22 DE ABRIL À SOMBRA DE UM PAU-BRASIL



O quinto capítulo da viagem pelo universo Rosa Magalhães mostra como a carnavalesca reconstituiu o Brasil, suas imagens e sua história.

A letra faz referência aos desfiles da Imperatriz de 1999 “Brasil, mostra a sua cara em Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae”, sobre as obras de uma expedição de artistas holandeses que retratam a natureza do Brasil no século XVI”; 1995 - “Mais vale um jegue que me carregue do que o um camelo que me derrube lá no Ceará;

1992 - “Não existe pecado abaixo do Equador”,

e 2002 - “Goytacazes: Tupi Or Not Tupi, In a South American Way!”, sobre a antropofagia.

Este setor termina com uma citação ao enredo do próprio Salgueiro de 1991 - “Me masso se não passo pela rua do Ouvidor”.

ASSIM DESCOBRI MEU PAÍS FAUNA E FLORA PELO SEU OLHAR OS DONOS DA TERRA BRASILIS UM JEGUE ME FEZ BALANÇAR NAS PRATELEIRAS DO LADO DE CÁ DO EQUADOR DEVOREI A NAÇÃO ANDAR NA OUVIDOR VIROU CASO DE AMOR PRO MEU CORAÇÃO



O sexto momento do desfile é o trabalho de Rosa como professora na Escola de Belas Artes e o legado que ela deixou na formação de novos carnavalescos, como o próprio Jorge Silveira, que foi seu aluno.

**MESTRA, VOCÊ ME FEZ AMAR A FESTA
E EU VIREI CARNAVALESCO
SONHEI SER ROSA
TE FAÇO ENREDO
MESTRA, VOCÊ ME FEZ AMAR A FESTA
TANTOS ALUNOS POR AQUI
SEGUE O LEGADO NA SAPUCAÍ**



O refrão final traz a referência ao samba do Salgueiro de 1971, “Festa para um rei negro”, quando Rosa fazia parte da equipe de criação do então carnavalesco Fernando Pamplona, para reafirmar a identificação dela com a agremiação.

Em seguida revela o desejo de que um tema sobre a multicampeã Rosa possa ajudar a fazer a escola ganhar seu décimo título.

E poetisa com o nome de flor da homenageada em “onde o samba é primavera que floresce em fevereiro” para encerrar com o slogan da agremiação: Nem melhor, nem pior: Salgueiro.

**Ô LÊ LÊ EIS A FLOR DOS AMANHÃS
A DÉCIMA ESTRELA BRILHA EM ROSA MAGALHÃES
ONDE O SAMBA É PRIMAVERA
QUE FLORESCE EM FEVEREIRO
NEM MELHOR, NEM PIOR... SALGUEIRO**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

DOENTES DA SAPUCAÍ

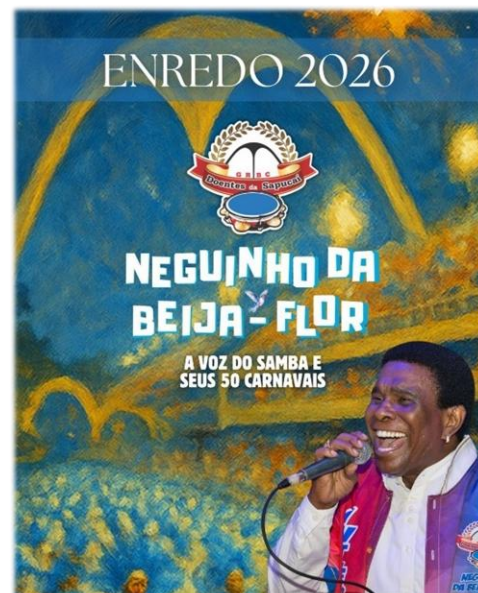
“Neginho da Beija-Flor: A Voz do Samba e Seus 50 Carnavais”

(07/02/2026)

O Bloco Doentes da Sapucaí vem para o carnaval 2026 homenageando o maior campeão da Sapucaí e nosso ídolo, Neginho da Beija Flor, celebrando seus 50 Carnavais.

A ideia dos compositores Cimino e Negão, macumbeiros e exímios jogadores de gamão, foi criar um samba fácil e rápido de aprender, para que cheguemos ao desfile com todos cantando e idolatrando nosso grande intérprete.

**OLHA NOSSO BLOCO AÍ GENTE
CHORA CAVACO
CHEGOU O DOENTES!!
VALEU, LAILA! VALEU, CABANA!
BAIXOU NILÓPOLIS NA VILA MARIANA!**



O samba inicia conclamando os foliões a cantar, festejar e colorir as ruas da cidade com as cores azul, branco e vermelho, já introduzindo o tema sobre o qual o samba versará, com o clima de saudades pelo tempo que não volta atrás, mas felizes por celebrar o nome dele, A Voz do Samba, e seus 50 Carnavais.

Os compositores fazem então uma brincadeira com a exaltação feita por ele para a escola que o projetou na Marquês Sapucaí (que Cimino insiste que seja renomeada para Passarela Ismael Silva) e onde ele fez história cantando.

Ismael Silva criou a primeira escola de samba do País, a “Deixa Falar”, no bairro do Estácio, em 1928. Beija-Flor, SUA escola, SUA vida, SEU amor!

**DEM FESTEJAR,
DEM COLORIR TODA CIDADE
CANTA COM A GENTE
ESSA BONITA HOMENAGEM
O QUE ELE FEZ
NÃO ESQUECEREMOS JAMAIS
A VOZ DO SAMBA E SEUS 50 CARNAVAIS
BEIJA FLOR SUA ESCOLA
SUA VIDA, SEU AMOR
ENCANTOU, FEZ HISTÓRIA
NA BATIDA DO TAMBOR**



Na segunda parte, os compositores brincam com trechos de sambas históricos, como o revolucionário “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia” (Labalarô oooo) e a força dos quilombolas em 2007: “Sou quilombola Beija-Flor, sangue de rei, comunidade!”

Esse trecho busca engajar nossos foliões e termina com a composição dele que é ecoada até hoje nas arquibancadas desse Brasil, e que pede a resposta do bloco com o nome do nosso ídolo. Ídolo que começou como Neguinho da Vala e se consagrou como a alma da Beija Flor e rei da Sapucaí, com seus 15 campeonatos.

Abrimos assim caminho para o refrão de cabeça, chamando a Exxculhambateria para vir com a gente. Exxculhambateria é o nome da bateria dos Doentes da Sapucaí, que desfila pelas ruas da capital paulista desde 2018 e hoje conta com diversos alunos da sua oficina de bateria.

**LEBA LARÔ - Ô Ô Ô Ô
SAIU DA VALA PRA PROVAR O SEU VALOR
É QUILOMBOLA, SANGUE DE REI (VEM VER!)
E O NOME DELE SÃO VOCES QUE VÃO DIZER:
NEGUINHO DA BEIJA FLOR!!
A EXXCULHAMBATERIA VAI SUBIR
15 VEZES CAMPEÃO
REI DA SAPUCAÍ!!**



O refrão de cabeça brinca com o famoso ‘caco’ criado por Neguinho “Olha a Beija Flor aí, gente! Chora cavaco”, agradece as duas figuras mais marcantes na vida artística dele, Laila (carnavalesco ícone da Sapucaí e enredo da Beija Flor em 2025), e Cabana (mais um Silva nesse roteiro, compositor e fundador da escola que revelou Neguinho).

Detalhe: Neguinho foi campeão tanto na sua estreia em 76, como na sua despedida pela escola, em 2025. E todos os 15 títulos da história da Beija Flor foram com ele à frente do carro de som.

Por fim, declara que a Vila Mariana agora é o terreiro de Luiz Antonio Feliciano Marcondes, o Neguinho da Beija Flor, e determina: BAIXOU NILOPOLIS NA VILA MARIANA!

**OLHA NOSSO BLOCO AÍ GENTE
CHORA CAVACO
CHEGOU O DOENTES!!
VALEU, LAILA! VALEU, CABANA!
BAIXOU NILOPOLIS NA VILA MARIANA!**



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026

REFERÊNCIAS...

Samba Comentado da **IMPERATRIZ 2018**

Enredo: “Museu Nacional RJ”

[\(CLIQUE PARA ASSISTIR\)](#)



Samba Comentado dos **DOENTES DA SAPUCAÍ 2019**

Enredo: “As 10 Campeãs da Sapucaí”

[\(CLIQUE PARA ASSISTIR\)](#)



Samba Comentado da **RJ 2022**

Grupo Especial: 12 escolas

[\(CLIQUE PARA ASSISTIR\)](#)



Samba Comentado **RJ 2024**

Grupo Especial: 12 escolas

[\(CLIQUE PARA ASSISTIR\)](#)



Link



Assista **TODOS** os episódios
SAMBA COMENTADO 2026



A. de Niteroi



Mocidade



Paraíso do Tuiuti



Imperatriz



Beija-Flor



Vila Isabel



Portela



Viradouro



Grande Rio



Mangueira



Unidos da Tijuca



Salgueiro

INSTITUTO DO SAMBA

Marcos Dino: (11) 99126-4489 / Rogério Portos: (11) 98762-3666

InstitutoDoSambaOficial@gmail.com